

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA  
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

ADRIANA SYLLA PEREIRA SANTOS

**AVALIAÇÃO DA FIDEDIGNIDADE ENTRE JUÍZES  
PARA OS TEMAS DO CAT-A**

Profª Drª. Maria Lucia Tiellet Nunes  
Orientadora

Porto Alegre  
Janeiro de 2011

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA  
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

**AVALIAÇÃO DA FIDEDIGNIDADE ENTRE JUÍZES  
PARA OS TEMAS DO CAT-A**

**ADRIANA SYLLA PEREIRA SANTOS**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Clínica.

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Lucia Tiellet Nunes  
Orientadora

Porto Alegre  
Janeiro de 2011

S237a Santos, Adriana Sylla Pereira.

Avaliação de fidedignidade entre juízes para os temas do CAT-A / Adriana Sylla Pereira Santos. Porto Alegre: PUCRS, 2011.

84 f.

Diss. (Mestrado em Psicologia Clínica) – Faculdade de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, PUCRS.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Lucia Tiellet Nunes

1. Psicologia Clínica. 2. Psicologia Infantil. 3. Teste de Apercepção Temática. 4. Testes Psicológicos. 5. Avaliação Psicológica. I. Nunes, Maria Lucia Tiellet. II. Título.

CDD 155.4

Bibliotecária Responsável:  
Sabrina Caimi Silva da Costa  
CRB10/1606

PONTÍFICA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA  
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

ADRIANA SYLLA PEREIRA SANTOS

**AVALIAÇÃO DA FIDEDIGNIDADE ENTRE JUÍZES PARA  
OS TEMAS DO CAT-A**

**COMISSÃO EXAMINADORA**

**Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Lucia Tiellet Nunes**

Presidente

**Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Anna Elisa Villemor-Amaral**

Universidade de São Francisco

**Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Roselaine Berenice Ferreira da Silva**

Universidade de Santa Cruz do Sul

**Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Rita Petrarca Teixeira**

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

## AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, professora Dra. Maria Lucia Tiellet Nunes, a quem admiro por seu conhecimento e dedicação, e que muito contribuiu para meu crescimento profissional no decorrer destes dois anos de trabalho, sempre me guiando com sabedoria e competência.

Às minhas colegas do Programa de Pós Graduação: Gabriela Seben e Gisele Ferreira e, especialmente, à querida Andrea Kotzian Pereira, amiga e parceira de todas as horas, sempre pronta para compartilhar.

A todos bolsistas de iniciação científica do grupo de pesquisa, que tornaram esta caminhada mais leve, com seu carinho, alegria e descontração, em especial às queridas Laura Zaslavsky e Júlia Subtil Tussi, que auxiliaram na produção deste trabalho.

Às companheiras, colegas, “novas” amigas, parceiras em todas as conquistas e angústias desde o início desta trajetória: Rafaele Medeiros Paniagua e Cristiane Feil, sempre disponíveis, atenciosas, alegres, incansáveis, dedicadas e prontas a me “socorrer”.

À Maria Claudete Campos, sempre atenciosa, amiga e carinhosa, me propiciando tranquilidade para que eu fosse capaz de concluir este trabalho.

Aos meus pais e minha irmã, amor incondicional, sempre me apoiando e incentivando em minhas escolhas e buscas de crescimento e auxiliando de todas as maneiras na viabilização de meus projetos.

Ao meu marido, amor e companheiro, que me acompanhou com paciência, me apoiando, tolerando e reconfortando nos momentos difíceis.

Finalmente, aos meus filhos, Guilherme e Pedro Henrique, razão da minha existência, amores da minha vida, que toleraram minhas ausências, muitas vezes sem nada compreender. Seu amor, carinho e sorriso e simples existência, fazem a minha vida se encher de alegria em qualquer situação, sua companhia me deixa em paz...

Muito obrigada!

## SUMÁRIO

<b>RESUMO</b> .....	7
<b>ABSTRACT</b> .....	8
<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	9
<b>1 ESTUDO DE REVISÃO DA LITERATURA: História e Sistemas de Correção para o Teste de Apercepção Temática Infantil</b> .....	12
<b>2 ESTUDO EMPÍRICO: Avaliação da Fidedignidade entre Juízes Para os Temas do CAT-A</b> .....	35
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS DA DISSERTAÇÃO</b> .....	72
<b>ANEXOS</b> .....	73

**RESUMO:** A presente dissertação de Mestrado é composta por dois estudos, conforme as normas do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUCRS. O primeiro estudo é uma revisão da literatura acerca do Teste de Apercepção Temática Infantil, intitulado **História e Sistemas de Correção para o Teste de Apercepção Temática Infantil**, buscando compreender os aspectos históricos, forma de aplicação, sistemas de correção e interpretação do teste, além de averiguar pesquisas referentes ao uso do instrumento no Brasil nos últimos vinte anos. Para este propósito, foi realizada uma busca bibliográfica nas bases de dados SciELO, Lilacs, Medline, PsycINFO e IndexPsi, onde foi realizada pesquisa brasileira, em função de especificidades socioculturais, buscando identificar estudos realizados nos últimos vinte anos. Poucos estudos foram encontrados, alguns dizendo respeito aos esforços de verificar qualidades psicométricas do instrumento, outros à capacidade do CAT-A para identificar aspectos psicopatológicos em crianças, assim como estudos de caso com o instrumento. O segundo estudo: **Avaliação da fidedignidade entre juízes para os temas do CAT-A** foi realizado a partir de 135 protocolos de respostas do CAT-A, retirados do banco de dados do Grupo de Pesquisa “Formação, Avaliação e Atendimento em Psicoterapia Psicanalítica.”. Este banco é composto por crianças com idades entre cinco e 12 anos, meninos e meninas, oriundos, parte de avaliação psicológica e parte de coleta realizada em escolas públicas na cidade de Porto Alegre (RS). O estudo foi dividido em três partes. Na primeira, buscou-se verificar a fidedignidade entre juízes para os temas do CAT-A, conforme os sistemas de interpretação de Bellak e Bellak (1992) e de Tardivo (1998). Na segunda parte, buscou-se a concordância dos temas propostos por estes autores com os da amostra estudada. Na terceira parte, foram elencados os temas novos encontrados com maior frequência na amostra da pesquisa. Os resultados demonstraram concordância quase perfeita ou substancial entre os avaliadores para todas as categorias de temas propostos por Bellak e Bellak (1992) e Tardivo (1998), indicando que os avaliadores compreenderam os sistemas de categorização em análise, trabalhando de forma adequada com eles. Quanto à concordância com os temas propostos pelos autores investigados, os achados dessa dissertação coincidiram com os de Bellak e Bellak (1992) para os principais temas das pranchas 1, 2, 4, e 7, e com os de Tardivo (1998) para as pranchas 1, 4, 7, 8 e 10. Para a prancha 3, foram encontrados outros temas como mais frequentes: morte, velhice, fraqueza, amizade e relação com figura de autoridade. Para a prancha 5: medos, relação com figura materna e estórias em torno de situações onde a criança é deixada sozinha em casa; Para a prancha 6: medos, preocupação com necessidades básicas e agressão e, para a prancha 9: medo de ataque externo, doença e preocupação com necessidades básicas da família. Os resultados da pesquisa indicam que, mesmo o CAT-A sendo um instrumento norte americano e criado em 1949, boa parte dos temas propostos pelos autores podem ser considerados atuais e estudos devem ser realizados, periodicamente, e, em diferentes regiões brasileiras, para investigação de novos temas.

**Palavras-chave:** Psicologia Clínica, Teste de Apercepção Temática, Testes Psicológicos, Avaliação Psicológica, Fidedignidade entre juízes

#### **Área conforme classificação do CNPq**

7.07.00.00-1 - Psicologia

#### **Sub-área conforme classificação CNPq**

7.07.01.03-2 - Construção e Validade de Testes, Escalas e Outras Medidas Psicológicas

**ABSTRACT:** This Master's thesis comprises two studies, according to the rules of the Graduate Program in Psychology, PUCRS. The first study is a literature review on the Children's Apperception Test, titled "History and Systems of Correction for the Children's Apperception Test", attempting to understand the historical aspects, form of application, correction systems and interpretation of the test, and research studies which highlight the importance of this projective test for children's psychological assessment in Brazil over the last twenty years. For this purpose, a literature search in SciELO, Lilacs, Medline, PsycINFO and IndexPsi databases was performed. Few studies were found, some concerning the efforts to verify the psychometric qualities of the CAT-A, others concerning the ability of the test to identify psychopathology in children, as well as some case studies with the instrument. The second study "Evaluation of Reliability Among Judges in the Analysis of the Themes of the CAT-A" was conducted with 135 CAT-A responses protocols from the database of the Group "Training, Evaluation and Psychoanalytic Psychotherapy Treatment". This database consists of CAT-A protocols of children aged between five and twelve years, boys and girls, from psychological assessment and from data collecting in public schools in Porto Alegre (RS). This study was divided into three parts. First, the reliability between judges for the themes of the CAT-A, according to the interpretation systems by Bellak and Bellak (1992) and Tardivo (1998) was verified. In the second part, the agreement of the themes proposed by these authors with the research sample was examined. In the third part, the new themes in the sample studied, the most found, were listed. The results show substantial or almost perfect agreement between evaluators for all categories of themes proposed by Bellak and Bellak (1992) and Tardivo (1998), indicating that the evaluators understood the systems of categorization of themes under analysis, working with them appropriately. As regarding the agreement with the themes proposed by the investigated authors, the findings of this thesis coincided with those of Bellak and Bellak (1992) for the main themes of the pictures 1, 2, 4 and 7, and with the Tardivo (1998) in the pictures 1, 4, 7, 8 and 10. For the third picture, were found more frequently themes as: death, old age, weakness, friendship and relationship with authority figures. For the fifth picture: fears, relationship with the mother figure and stories about situations where the child is left alone at home. For the picture 6: fears, concerns about basic needs and aggression and for the picture 9: fear of outside attack, disease and concern about basic needs of the family. The survey results indicate that even the CAT-A being a North American instrument created in 1949, many of the themes proposed by the authors may still be considered current.

**Keywords:** Clinical Psychology, Apperception Thematic Test, Psychological tests, Psychological Evaluation, Inter-rater reliability



## APRESENTAÇÃO

A presente Dissertação de Mestrado foi desenvolvida no grupo de pesquisa “Formação, Avaliação e Intervenção em Psicoterapia Psicanalítica”, coordenado pela professora Dr<sup>a</sup>. Maria Lúcia Tiellet Nunes, no Programa de Pós Graduação em Psicologia da Faculdade de Psicologia, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

O objetivo principal desta pesquisa foi dar início aos estudos psicométricos para o Teste de Apercepção Temática Infantil - CAT-A. Este projeto faz parte de uma pesquisa mais ampla, envolvendo dados arquivados de prontuários de avaliação psicológica e de coleta em escolas, coordenado pela professora Dr<sup>a</sup>. Maria Lucia Tiellet Nunes, tendo como finalidade aprofundar os estudos a respeito dos instrumentos psicológicos, especialmente os projetivos.

A avaliação psicológica de crianças é uma das principais tarefas do psicólogo infantil, frente ao número de crianças encaminhadas à clínica, em função de dificuldades escolares e problemas de comportamento (Campezatto e Nunes, 2007). Além disto, dependem também dos resultados da avaliação psicológica a condução e o desfecho satisfatório do tratamento psicoterápico de crianças, pois falhas na avaliação e no encaminhamento à psicoterapia estão diretamente relacionadas ao abandono do tratamento (Gastaut e Nunes, 2009).

Apesar disto, ainda são escassos os instrumentos com a finalidade de avaliar a personalidade infantil. Entre os testes projetivos, o Teste de Apercepção Infantil (CAT-A) sempre ocupou um lugar relevante no Brasil, tanto na clínica com crianças como na avaliação psicológica infantil (Noronha, Primi e Alchieri, 2005).

O Teste de Apercepção Infantil (Child Apperception Test–CAT-A) tem como objetivo avaliar conflitos relacionados com as principais fases do desenvolvimento psicosexual infantil e é fundamentado na teoria psicanalítica. As figuras contidas nas pranchas do teste servem de estímulo para que a criança projete seu mundo interno através da identificação com os personagens apresentados (Bellak e Bellak, 1992).

Em 2002, o CAT-A encontrava-se entre os testes mais ensinados aos alunos dos cursos de graduação em psicologia do país (Alves, Alchieri e Marques, 2002) e, em 2006, mesmo impedido de uso para avaliação psicológica, figurava entre os instrumentos de personalidade mais conhecidos pelos estudantes e psicólogos brasileiros (Oliveira, Noronha e Dantas, 2006).

O teste foi criado em 1949 por Leopold e Sonia Sorel Bellak, sendo composto por figuras de animais em situações do cotidiano infantil. Para cada figura a criança deve elaborar um conto, e neste, projetivamente, estará revelando conflitos inerentes às fases do desenvolvimento infantil.

O Conselho Federal de Psicologia criou a Resolução nº 02/2003, ressaltando a necessidade da avaliação contínua dos testes psicológicos, exigindo normas e estudos brasileiros para a utilização dos testes psicológicos e proibindo o uso de instrumentos que não apresentem as qualidades psicométricas básicas (CFP, 2003).

Desta forma, o uso do CAT-A ficou restrito a pesquisas, o que fomenta estudos para que o instrumento possa ser retomado para avaliação psicológica. O protocolo interpretativo dos Bellak, atualmente utilizado recebeu sua última revisão em 1992 e se mantém inalterado desde a criação do instrumento, em 1949.

Existem outros protocolos para interpretação do CAT-A, entre eles os mais conhecidos estão o de Montagna (1989), que propôs um novo roteiro para correção do teste, integrando os protocolos já existentes de Bellak (1954), Haworth (1962) e Shentoub (1969) e de Tardivo (1998), que elaborou um sistema próprio, baseado em estudos realizados no estado de São Paulo. Entretanto percebe-se a necessidade de sistemas de correção mais sintéticos, uma vez que todos os existentes exigem muito tempo do avaliador, além de não apresentarem categorias bem definidas para interpretação.

A dissertação é composta por um estudo de revisão da literatura e um estudo empírico, de acordo com as normas do Programa de Pós Graduação em Psicologia, que exige a elaboração de um estudo de revisão de literatura pertinente ao tema a ser pesquisado e, pelo menos, um estudo decorrente de pesquisa empírica sobre o mesmo tema.

O estudo de revisão da literatura, intitulado: **História e Sistemas de Correção para o Teste de Apercepção Temática Infantil** buscou investigar estudos efetuados no Brasil nos últimos vinte anos a respeito do CAT-A, sua história, formas de aplicação e qualquer interpretação ou outro estudo do qual tenha feito parte.

O estudo empírico, intitulado: **Avaliação da fidedignidade entre juízes para os temas do CAT-A**, foi realizado a partir de 135 protocolos de respostas do CAT-A, retirados do banco de dados do Grupo de Pesquisa “Formação, Avaliação e Atendimento em Psicoterapia Psicanalítica.”. Este banco é composto por crianças com idades entre cinco e 12 anos, meninos e meninas, oriundos, parte de avaliação psicológica e parte de coleta realizada em escolas públicas na cidade de Porto Alegre (RS). O estudo foi dividido

em três partes. Na primeira, buscou-se verificar a fidedignidade entre juízes para os temas do CAT-A, conforme os sistemas de interpretação de Bellak e Bellak (1992) e de Tardivo (1998). Na segunda parte, buscou-se a concordância dos temas propostos por estes autores com os da amostra estudada. Na terceira parte, foram elencados os temas novos encontrados com maior frequência na amostra da pesquisa.

## Referências

- Alves, I. C. B.; Alchieri, J. C.; Marques, K. C. (2002). As técnicas de exame psicológico ensinadas nos cursos de graduação de acordo com os professores. *PsicoUSF*, 7(1), 77-88.
- Bellak, L.; Bellak, S. S. (1992). *Manual do Teste de Apercepção Infantil Figuras de Animais*. Campinas – SP: Editora de Livro Pleno –ME.
- Campezatto, P. M.; Nunes, M. L. T. (2007). Caracterização da clientela das clínicas-escola de cursos de psicologia da região metropolitana de Porto Alegre. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20(3), 376-388.
- CFP (2003). Resolução nº 2, de 24 de março de 2003. Define e regulamento o uso, a elaboração e a comercialização de testes psicológicos e revoga a Resolução CFP nº 025/2001. Brasília. 2003. Recuperado em 29 de agosto de 2009, de <http://www.pol.org.br/legislacao/resolucoes.cfm?ano=2003>.
- Gastaud, M. B.; Nunes, M. L. T. (2009). Preditores de abandono de tratamento na psicoterapia psicanalítica de crianças. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, 31, 13-23.
- Montagna, M.E. (1989). *Análise e Interpretação do CAT: Teste de Apercepção Temática Infantil*. São Paulo: EPU.
- Noronha, A. P. P.; Primi, R.; Alchieri, J. C. (2005). Instrumentos de avaliação mais conhecidos/utilizados por estudantes e profissionais de psicologia. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. 18(3), 390-401.
- Oliveira, K. L.; Noronha, A. P. P.; Dantas, M. A. (2006). Instrumentos psicológicos: estudo comparativo entre estudantes e profissionais cognitivo-comportamentais. *Estudos de Psicologia*, 23(4), 359-367.
- Tardivo, L. S. P. C. (1998). *Teste de Apercepção Infantil com Figuras de Animais (CAT-A) e Teste das Fábulas de Düss*. São Paulo: Vetor.

## ESTUDO DE REVISÃO DA LITERATURA

### **HISTÓRIA E SISTEMAS DE CORREÇÃO PARA O TESTE DE APERCEPÇÃO TEMÁTICA INFANTIL**

#### HISTORY AND SYSTEMS OF CORRECTION FOR CHILDREN'S APPERCEPTION TEST

**RESUMO:** O presente estudo teve como objetivo revisar os aspectos históricos do Teste de Apercepção Temática Infantil, desde sua criação até os dias de hoje. Além disto, buscou apresentar os sistemas de interpretação e correção encontrados para o instrumento além de investigar estudos que possam ressaltar a importância desse teste projetivo para a avaliação psicológica infantil. Para tanto, foram consultadas as bases de dados SciELO, Lilacs, Medline, PsycINFO e IndexPsi, na busca de pesquisas brasileiras e dos últimos 20 anos, em função de especificidades socioculturais. Poucos estudos foram encontrados, alguns dizendo respeito aos esforços de verificar qualidades psicométricas do instrumento, outros à capacidade do CAT-A para identificar aspectos psicopatológicos em crianças, assim como estudos de caso com o instrumento.

**Palavras-chave:** Psicologia Clínica, Teste de Apercepção Temática, Testes Psicológicos, Avaliação Psicológica.

**ABSTRACT:** This study aimed to review the historical aspects of Children's Apperception Test, from its creation until the present day. Moreover, we attempted to present the systems of interpretation and correction found for the instrument and to investigate studies that may highlight the importance of this projective test for children's psychological assessment. Thus, SciELO, Lilacs, Medline, PsycINFO and IndexPsi databases were consulted, searching for Brazilian studies in the last 20 years, due to sociocultural characteristics. Few studies were found, some concerning about efforts to verify the instrument's psychometric qualities, others concerning about the ability of CAT-A to identify psychopathology aspects in children as well as case studies with the instrument.

**Keywords:** Clinical Psychology, Apperception Thematic Test, Psychological tests, Psychological Evaluation.

## 1 INTRODUÇÃO

Os testes projetivos continuam sendo os instrumentos mais utilizados para avaliação psicológica no Brasil, apesar da diversa gama de escalas e questionários já existentes para avaliação da personalidade. Ainda assim, há uma escassez de testes projetivos e de estudos sobre suas qualidades psicométricas (Bordin, Mari e Caeiro, 1995).

Pesquisas mostram que, entre os testes projetivos, O Teste de Apercepção Infantil (Child Apperception Test–CAT-A), doravante CAT-A, sempre ocupou um lugar relevante tanto na clínica com crianças como na avaliação psicológica infantil (Noronha, Primi e Alchieri, 2005).

Um trabalho realizado em nove clínicas de atendimento psicológico dos cursos de Psicologia do Rio Grande do Sul revelou que 34,4% da clientela destes locais são crianças de zero a 12 anos que buscam atendimento por dificuldades no comportamento afetivo: agressividade, ansiedade, isolamento social, depressão, choro freqüente, dependência, imaturidade, temores (Savalhia e Nunes, 2007). Desta forma, os instrumentos projetivos, em especial o CAT-A, capaz de avaliar estes aspectos da personalidade, assume fundamental importância.

Entretanto este tão importante instrumento de avaliação está restrito a pesquisas e impedido de ser usado na avaliação psicológica. Desta forma, tornaram-se imperativos, novos estudos no intuito de validação, para que o CAT-A volte a auxiliar os profissionais que trabalham na área.

Para esta finalidade, considera-se necessário, inicialmente um estudo teórico detalhado sobre o instrumento, seu histórico, objetivo, formas de aplicação, além de investigar as pesquisas do qual faz parte no Brasil.

O CAT-A tem como objetivo avaliar conflitos relacionados com as principais fases do desenvolvimento infantil e é fundamentado na teoria psicanalítica. As figuras contidas nas pranchas do teste servem de estímulo para que a criança projete seu mundo interno através da identificação com os personagens apresentados (Bellak e Bellak, 1992a). É um instrumento clinicamente útil para corroborar hipóteses diagnósticas de problemas neuróticos, psicóticos, psicossomáticos, bem como situações de abuso e negligência (Freitas, 2000).

## 1.2 Projeção e Testes Projetivos

O termo projeção pode ser compreendido de diversas maneiras. No campo da psicologia, foi inicialmente empregado por Freud (1894), nos estudos sobre a neurose de angústia, significando a transposição dos próprios impulsos a um objeto externo. Em 1911, Freud caracterizou o termo como mecanismo de defesa da Paranóia. Nesse sentido, os aspectos repreensíveis do próprio sujeito são expulsos da consciência e atribuídos a outra pessoa (Laplanche e Pontallis, 1985).

Em 1913, no artigo “Totem e Tabu”, Freud ampliou a ideia da projeção, postulando que as percepções internas do sujeito a respeito de ideias e emoções desempenham papel fundamental na configuração de seu mundo exterior. Além disso, destacou que as relações interpessoais são inevitavelmente permeadas por projeções.

Em “Escritores criativos e devaneios” (1908), Freud revelou sua intensa curiosidade em compreender as fontes de inspiração para o escritor na produção de suas histórias. Descreveu o devaneio, inerente a todo ser humano, como o substitutivo do brincar infantil, entendendo que a antítese do brincar não é a seriedade e, sim, a realidade. A criança não se envergonha de suas brincadeiras, entretanto, na medida em que cresce e sob a influência da repressão, considera suas fantasias refutáveis, podendo manifestá-las apenas sob forma de devaneios, criações literárias ou artísticas.

Ao aprofundar sua investigação sobre as obras literárias, Freud observou que o herói de um romance representa o próprio sujeito e que o produto de sua criação (estória ou mesmo obra de arte) encobre seus próprios desejos, fantasmas inconscientes, conflitos e aspectos da personalidade. Nesse mesmo estudo, relacionou sonhos noturnos, produções artísticas e literárias e o simples devaneio diurno, caracterizando-os como fontes de revelação do inconsciente, nas quais sempre estão entrelaçadas as vivências do presente, os moldes do passado e os desejos de futuro (Freud, 1908).

Anteriormente, em 1897, Freud já havia manifestado interesse em relação ao tema, no manuscrito N, enviado a Fliess, relacionando os sofrimentos amorosos do personagem Werther com aqueles vivenciados pelo escritor Goethe.

Em “Delírios e Sonhos de Gradiva de Jensen” (1907), enfatizou o caráter projetivo das produções artísticas e literárias relacionando a vida do dramaturgo e romancista alemão Wilhelm Jensen com seu clássico romance “Gradiva”, publicado em 1903.

Em 1910, Freud tentou reconstruir importantes momentos da história de Leonardo da Vinci, relacionando as pulsões sexuais infantis à sublimação, embasando-se na sua produção artística e intelectual.

Em “Dostoievski e o Parricídio”, Freud (1928) analisou as experiências infantis do escritor russo Fiódor Dostoievski, relacionando-as com seu último e clássico romance “Os irmãos Karamazov”, publicado em 1879.

Os testes projetivos estão fundamentados nesse pressuposto freudiano de que as características dos heróis representam tendências da personalidade do sujeito, integrando aspectos de seu passado a desejos inconscientes (Murray, 2005). Na área do psicodiagnóstico, utiliza-se o termo projetivo como adjetivo para qualificar as técnicas que objetivam estimular no sujeito o processo de projeção (Cunha e Nunes, 2010).

A partir desse sentido do termo projeção, em 1939, L. K. Frank cunhou a expressão “métodos projetivos”, com intuito de explicar o mecanismo de alguns testes psicológicos que já eram na época existentes, entre eles o Teste de Apercepção Temática (*Thematic Apperception Test*, em inglês; doravante TAT), que foi criado por Murray em 1935 (Anzieu, 1986).

O termo apercepção foi criado em 1950 por Bellak, para definir a interpretação que o sujeito faz de uma percepção a partir de seu mundo interno. Dessa forma, toda interpretação subjetiva constitui uma distorção aperceptiva. Toda percepção atual sofre a influência das percepções passadas e essas interações formam o campo da psicologia da personalidade (Murray, 2005). Quanto menores forem os recursos de ego do indivíduo, maiores serão as distorções aperceptivas (Tardivo, 1998).

O CAT-A situa-se como uma técnica projetiva temática, uma vez que, de acordo com as instruções do instrumento é solicitado à criança que narre uma história a partir de um tema (Montagna, 1989).

## 2 O INSTRUMENTO, SEU HISTÓRICO E SUAS VARIANTES

### 2.1 Histórico do CAT-A

O CAT-A foi criado em 1949, por Leopold Bellak e Sonya Sorel Bellak, baseado no TAT (Bellak e Bellak, 1992a) \*, que havia sido elaborado em 1935, por Henry Murray. Atualmente, em sua terceira revisão, o TAT é constituído de trinta e uma lâminas com figuras de situações clássicas da vida humana, sendo que uma é em branco. A aplicação é realizada, a partir da escolha de vinte lâminas, entre as existentes, sendo que algumas são consideradas universais e outras são indicadas conforme o sexo e faixa etária do examinando (Murray, 2005).

O TAT é direcionado, preferencialmente, para pessoas de quatorze até quarenta anos. É apresentado em duas formas: a forma A - aconselhável para adolescentes e adultos de grau médio de inteligência e cultura; a forma B - indicada para crianças ou adultos com baixa inteligência ou pouca instrução e também para psicóticos (Murray, 2005).

O instrumento tem como finalidade revelar componentes importantes da personalidade, alicerçados em duas tendências psicológicas, tais como interpretar o presente através de experiências passadas e manifestar suas necessidades conscientes e inconscientes nas estórias (Murray, 2005).

Muitos pesquisadores promoveram estudos em torno do TAT após sua criação. Em 1942, Leopold Bellak ingressou na Universidade de Harvard, onde cursou psicologia, tornou-se doutor e aprofundou as investigações sobre os testes projetivos temáticos (Montagna, 1989). Iniciou seus estudos com o TAT e, com o apoio de Murray, dedicou-se à área dos testes projetivos temáticos até sua morte.

Werlang (2002) descreveu as alterações na administração do TAT propostas por Bellak, sendo que sugeriu a redução das pranchas para apenas doze. Considerava nove pranchas essenciais que são as que investigam relações humanas básicas. Das restantes, propôs a escolha de três específicas, de acordo com o sexo, idade e a situação particular do avaliado. Em 1996, Bellak e Abrams propõem a aplicação de uma série específica de dez estímulos, independente do sexo do examinando (Silva e Montagna, 2008).

---

\* No Brasil é comercializado, para uso em pesquisa, o texto de 1949 publicado pelo Editorial Psy, de Campinas, SP, em 1992. Ao longo do texto, essa obra do casal Bellak será citada/referida pelo ano de 1992 – publicação brasileira.



Em 1949, Leopold Bellak, já então professor do New York Medical College, juntamente com sua esposa Sonia Sorel Bellak, observou que o teste, quando utilizado em crianças, não apresentava material significativo. Compreenderam que, como o instrumento tinha como base conflitos específicos da vida adulta, não mobilizava da mesma forma as crianças (Bellak e Bellak, 1992a). Desenvolveram então uma adaptação do instrumento para crianças - o Teste de Apercepção Infantil (*Child Apperception Test* – CAT-A), conhecido como CAT-A.

O casal Bellak, após constatar a necessidade de elaborar um novo instrumento direcionado às crianças, dedicou-se a criar ilustrações que correspondessem a situações vitais da infância. A partir de discussões teóricas com Ernest Kris em torno da projeção remeteram-se às ideias freudianas a respeito da maior facilidade da identificação de crianças com animais do que com pessoas (Bellak e Bellak, 1992a). Os animais possuem um papel de destaque na fantasia e nas fobias infantis, bem como se convertem facilmente em alvos de identificação nos sonhos das crianças. Também, com frequência, são importantes amigos das crianças. Prestam-se com maior facilidade à projeção de estímulos ambíguos e são semelhantes à criança no caráter primitivo de seus impulsos (Bellak, 1975).

Bellak e Adelman (1966) acrescentam que Freud encontrou não só relação entre a psicodinâmica individual da criança com os animais em geral, como se preocupou em analisar o tipo de animal que predominava na fantasia infantil. Segundo os autores, registros do Teste Rorschach também comprovam, através do elevado percentual de conteúdo animal, essa facilidade de identificação.

Para a construção do CAT-A, Bellak e Bellak (1992a) definiram uma série de situações vitais para as crianças, de acordo com a teoria psicanalítica. Os autores convidaram então Violet Lamon, ilustradora profissional de livros infantis para desenhar as cenas. A desenhista apresentou dezoito gravuras com animais representando cenas do cotidiano infantil, as quais foram testadas pelos autores e alguns colegas experientes na área de testes projetivos. Por fim, selecionaram dez figuras para versão final do instrumento.

## 2.2 Descrição do Instrumento

O CAT-A é composto por 10 pranchas de animais em situações do cotidiano infantil e, para cada prancha, a criança deve criar uma estória. As instruções, segundo os autores, são as que seguem: *“Vamos fazer um jogo no qual você deverá me contar uma estória sobre cada gravura. Conte-me o que está acontecendo, o que os animais estão fazendo agora (no momento oportuno, deve-se perguntar) O que aconteceu antes? O que acontecerá depois?”* (Bellak e Bellak, 1992a, p.6).

O instrumento tem como finalidade avaliar a personalidade de crianças entre três e 10 anos de idade, através do estudo da percepção de estímulos padronizados. Pretende analisar conflitos relacionados com as principais fases do desenvolvimento psicosssexual infantil: oral, anal e fálica (Bellak e Bellak, 1992a).

Bellak e Bellak (1992a) elaboraram o teste, a partir de uma amostra de 200 protocolos de crianças de idades entre três e 10 anos. As figuras contidas nas pranchas do teste pretendem servir de estímulo para que a criança projete seu mundo interno através da identificação com os personagens apresentados. Os temas típicos encontrados para cada gravura no estudo original foram:

Gravura 1: problemas relativos à oralidade em geral; ser alimentado ou não por qualquer um dos pais; rivalidade entre irmãos; questões ligadas ao comportamento;

Gravura 2: luta séria acompanhada de medo da agressão; efetivação da agressão ou da autonomia da criança; jogo ou brincadeira (ex. cabo de guerra). O rompimento da corda pode significar medo de castração provocado pela masturbação; Sendo que é importante observar se a identificação do filho é com pai ou com a mãe.

Gravura 3: figura paterna provida de símbolos (cachimbo e bengala). A bengala pode ser vista como instrumento de agressão ou usada para transformar o pai em velho e desamparado; conflito entre submissão e autonomia; quando ora a criança se identifica com o leão e ora com o rato;

Gravura 4: relação com figura materna; rivalidade entre irmãos e preocupação com a origem dos bebês;

Gravura 5: cena primária com todas as variantes e temas de manipulação mútua entre as crianças (duas crianças no berço);

Gravura 6: cena primária; masturbação e ciúmes na relação triangular;

Gravura 7: medos de agressão e meios de lidar com eles. As caudas dos animais podem evocar temores ou desejos de castração;

Gravura 8: percepção que criança possui de seu papel na constelação familiar. As xícaras poderão, algumas vezes, evocar temas de oralidade. O macaco da frente pode ser visto como figura materna ou paterna (bondosa ou castradora).

Gravura 9: medo de escuro; medo do abandono dos pais; medo de ser deixado só e curiosidade sobre o que acontece no quarto ao lado;

Gravura 10: crime e castigo revelando concepções morais da criança; masturbação e treinamento de esfíncteres.

### **3 Variações do CAT-A**

#### **3.1 CAT-S**

Em 1952, Leopold Bellak e Sonia Sorel Bellak, publicaram um suplemento para o CAT-A, denominado CAT-S. Tem como objetivo esclarecer problemáticas específicas das crianças que vão além das questões consideradas universais, sendo também composta por 10 pranchas, cada uma pretendendo eliciar uma conflitiva. Cada prancha pode ser utilizada de forma independente quando se tem o objetivo de estimular um tema específico. É indicado como complementar ao CAT regular, sendo que a forma de aplicação é idêntica ao CAT-A (Bellak e Bellak, 1992 b).

#### **3.2 CAT-H**

Em 1965, tendo prosseguido a utilização e pesquisas a respeito do CAT-A, Leopold Bellak e Sorel Bellak apresentaram uma nova contribuição: o CAT-H, uma adaptação do CAT-A, substituindo os animais das pranchas por figuras humanas. O novo instrumento é direcionado à avaliação de crianças com idades entre sete e 10 anos, especialmente para aquelas com QI (Quociente intelectual) mais desenvolvido. As normas de aplicação e interpretação permanecem as mesmas do CAT-A (Bellak, 1975).

Muitos estudos foram realizados, inclusive pelo próprio autor dos instrumentos, com o intuito de comparar as duas versões: CAT- A e CAT-H. Nesse sentido, Bellak (1975) concluiu que, estatisticamente, as diferenças não são significativas entre os instrumentos, quando aplicados na faixa a qual se destinam. Todavia, observou que o CAT-H sofre maior influência do fator cultural que a versão original animal.

No Brasil, um estudo comparativo entre as duas formas de CAT foi publicado por Jacquemin e Martins (1976), ratificando as conclusões de Bellak (1975). Em uma amostra de 48 crianças, de 1ª e 2ª série do ensino fundamental da rede de ensino do SESI, no município de Ribeirão Preto (SP), não foram encontradas diferenças significativas em relação aos temas eliciados por cada uma das duas modalidades do teste. Para as pranchas III e VII, as crianças no CAT-A produziram estórias com temas mais agressivos que para o CAT-H. Para as pranchas III e IV, as crianças demonstraram maior facilidade de identificação que na forma animal. Além disso, o estudo revelou que a projeção de sentimentos negativos parece mais suscitada no CAT-A, sobretudo nas pranchas III, IV, IX e X. Ainda assim, os autores concluíram que não há diferenças significativas entre a capacidade para mobilizar as conflitivas propostas e nem entre os temas eliciados por cada uma das versões do instrumento.

#### 4 CAT-A – SISTEMAS DE INTERPRETAÇÃO

##### 4.1 Bellak e Bellak (1992a)

Bellak e Bellak (1992a) propõem que cada uma das estórias do CAT seja analisada de acordo com as 10 categorias resumidas, elaboradas pelos autores, a partir da teoria psicanalítica:

1) **Tema principal:** é a motivação da criança para elaboração daquela estória, a razão, a moral da estória. A estória pode conter diversos temas, no entanto, na maioria das vezes, se encontra um denominador comum em certo número de estórias. Os temas revelam padrões de comportamento.

2) **O herói principal:** é o personagem com o qual a criança mais se identifica e sobre o qual a estória está centrada. É pelo ponto de vista do herói que a estória é contada. Normalmente é o personagem mais próximo da idade da criança, porém a criança pode se identificar com mais de um personagem ou alternar a identificação. É importante observar a adequação do herói e sua auto-imagem, ou seja, o conceito que a criança tem de seu corpo, de si mesmo e de seu papel social.

3) **Principais necessidades e impulsos do herói:** podem estar diretamente relacionadas às necessidades e impulsos da criança ou podem ser exatamente o seu contrário, revelando seus desejos e fantasias.

A- **Personagens, objetos e circunstâncias introduzidas:** deve-se observar se algum objeto em especial é introduzido em certo número de histórias e o que ele possa representar para criança. Situações externas repetidas como injustiça, severidade, privação e frustração, indicam a percepção interna que a criança possui do mundo.

B- **Personagens, objetos e circunstâncias omitidas:** deve-se observar qual o objeto omitido, buscar o significado desse objeto para criança, podendo indicar hostilidade ou conflito por seu valor positivo.

4) **A concepção do ambiente:** é a maneira como a criança percebe o ambiente relacionando suas vivências passadas, a ideia que possui de si próprio e suas distorções aperceptivas. Um ambiente pode ser: colaborador, hostil, explorador ou explorável, amistoso, perigoso, etc. Importante observar com quem a criança se identifica na família e o papel desempenhado pelos pais.

5) **Figuras vista como...:** é a maneira como a criança percebe as figuras ao seu redor e como se relaciona com essas. É a forma como se dão suas relações objetais (simbiótica, anaclítica, oralmente dependente, ambivalente, competitiva, etc.)

6) **Conflitos significativos:** indica a natureza dos conflitos, seu significado, o conteúdo dos impulsos. Há conflitos inerentes a determinadas fases do processo do desenvolvimento infantil, enquanto outros podem ter significado patológico.

7) **A natureza das ansiedades:** deve-se identificar as principais ansiedades da criança. As mais importantes são as relacionadas com agressão física, punição, medo de falta ou perda de amor (desaprovação) e de ser abandonado (solidão ou falta de apoio).

8) **Principais defesas:** deve-se conhecer a estrutura defensiva ligada ao comportamento manifesto da criança e o modo como se defronta com estímulos externos e internos. Além disso, precisa ser analisada a adequação de acordo com idade cronológica da criança.

9) **Adequação do superego, manifestada por “punição” pelo “crime”:** deve-se analisar se a punição escolhida pela criança está proporcional à gravidade da ofensa. A adequação ou não dá indicativos da rigidez do superego.

10) **Integração do Ego:** deve-se observar a capacidade da criança para conciliar os impulsos e exigências da realidade com exigências do superego, sempre levando em conta sua idade cronológica.

Após serem analisadas cada uma dessas categorias nas histórias das crianças, Bellak e Bellak (1992a) indicam o uso da folha de análise para que as informações sejam preenchidas, permitindo ao avaliador uma visão global dos resultados.

Ao término da correção, sugerem a avaliação de doze funções do ego: teste de realidade, julgamento, sentido de realidade do mundo e do *self*, regulação e controle de ímpetos, afetos e impulsos, relações objetais (interpessoais), processos de pensamento, regressões adaptativas a serviço do ego, funcionamento defensivo, obstáculo ao estímulo, funcionamento autônomo, funcionamento sintético-integrativo e domínio- competência.

Diante da importância do CAT-A, muitos estudiosos se preocuparam com a criação de protocolos mais sistematizados e pesquisas para validação do instrumento. Nas décadas de 60 e 70 surgiram outros autores propondo protocolos interpretativos para o CAT-A. No Brasil, em 1989, Montagna propôs um roteiro de interpretação para o CAT-A, integrando sistemas já existentes (Bellak, 1954; Haworth, 1962 e Shentoub, 1969). Em 1992, Tardivo elaborou um referencial de análise para o CAT-A.

#### **4.2 Montagna (1989)**

Uma proposta de sistematizar a correção do CAT-A foi sugerida por Montagna (1989), sendo que a autora revisou três esquemas de interpretação já existentes. Integrou os protocolos de Bellak (1954), Haworth (1962) e Shentoub (1969), entendendo que esses eram complementares: o de Bellak (1954) centrava-se na análise de conteúdo das histórias, Haworth (1962) enfatizava a análise dos mecanismos de defesa da criança e Shentoub (1969) enfocava a organização da criança frente à tarefa, identificando os aspectos estruturais das respostas.

Montagna (1989) propôs que o processo de interpretação das histórias do CAT-A se realizasse em duas etapas: análise de conteúdo e análise formal.

Na primeira etapa, deve ser investigado o tema principal, herói principal, figuras percebidas como..., figura, objetos e circunstâncias externas introduzidas, objetos e personagens omitidos, natureza da ansiedade, conflitos significativos, principais defesas utilizadas (formação reativa, anulação ou ambivalência, isolamento, rejeição/recusa, ilusão, simbolização, projeção e introjeção, regressão, adequação do superego, desenlace, integração do ego e nível de maturidade.

Já na segunda etapa, deve ser analisado o tempo de latência inicial, pausas dentro da história, necessidade ou não de questionar e natureza das histórias. É importante salientar que a própria autora concluiu que faltaram em seu estudo, pesquisas de análise com grupos de crianças, de acordo com faixa etária ou temas que surgem com maior frequência.

Além disso, propôs uma alteração no *rapport*, solicitando desde o início que a criança conte o que aconteceu antes, o que está acontecendo no momento naquela gravura e o que acontecerá depois. Sugeriu que quando as crianças ficarem restritas a descrição da figura que se questione o que estão sentindo ou pensando.

### **4.3 Tardivo (1998)**

Tardivo (1998), por sua vez, realizou um estudo em 1992 com 128 protocolos de resposta de CAT-A de crianças normais, meninos e meninas, com idades entre cinco e oito anos, de classe média, estudantes de escolas públicas e privadas do estado de São Paulo. Inicialmente, três juízas analisaram, de forma independente, 26 desses protocolos, escolhidos ao acaso e elaboraram um referencial de análise para o teste.

Do estudo destes 26 protocolos, avaliados por três juízas, surgiu então uma nova forma para, segundo Tardivo (1998), avaliar o instrumento: o referencial de análise para o CAT-A. Por motivos de extensão do texto, cuja citação completa incide em direitos autorais e para não excluir categorias importantes em cada prancha ao citá-las, apresentase, para fins de ilustração, somente as categorias geradas para a prancha 6, segundo a proposta de Tardivo (1998), mantendo a mesma numeração:

#### **Prancha 6**

- 19) Relação dual, sem a inclusão do terceiro elemento
- 20) Reação frente à situação triangular
  - 20 a) respostas regressivas, com tentativas de volta à situação dual, e necessidades orais
  - 20 b) hostilidade, ataque, inveja da relação dos pais
  - 20 c) sensação de abandono e depressão, desamparo diante da relação dos pais
  - 20 d) aceitação mais realista, denotando independência e busca de crescimento
- 21) outras

Os parâmetros interpretativos de Bellak e Bellak (1992a) receberam críticas ao longo dos anos, tais como: categorias pouco definidas; excessivos aspectos a serem avaliados, tomando o processo muito tempo do avaliador; interpretação entremeada à subjetividade e bagagem teórica do avaliador, além de requerer conhecimentos psicanalíticos prévios para que o profissional possa obter resultado realmente condizente com a personalidade do examinando através do instrumento (Anastasi e Urbina, 2000;

Tardivo e Xavier, 2008). Tais críticas são pertinentes também aos métodos de avaliação desenvolvidos por Montagna (1989) e Tardivo (1998), em que pese os esforços de ambas as autoras em apresentar aos psicólogos melhores condições de trabalhar com o teste.

Mesmo diante das dificuldades que o teste apresenta para levantamento de categorias e para a interpretação dos achados, no Brasil o CAT-A, em 1994, era o terceiro teste mais utilizado para exame psicológico no Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (Herzberg, Erdman e Becker, 1995). Em 2002, vigorou como primeira técnica de avaliação psicológica mais ensinada nos cursos brasileiros de graduação de acordo com os professores (71,0%), sendo seguido pelo TAT (69,3%), o HTP (61,3%), o Rorschach (46,8%), o Desenho da Família (40,3%) e o Wartegg (38,7%) (Alves, Alchieri, Marques, 2002). Em 2005, o CAT-A era dos instrumentos mais conhecidos pelos psicólogos e estudantes de psicologia, situando-se em 5º lugar (Noronha, Primi e Alchieri, 2005).

O Conselho Federal de Psicologia (CFP, 2003), através da Resolução nº 02/2003, passou a exigir que os instrumentos psicológicos, para uso em avaliação psicológica no Brasil, devem apresentar as qualidades psicométricas, tais como validade, fidedignidade, padronização, normatização (Nunes e Levenfus, 2007). Desde então, o uso do CAT-A ficou restrito a pesquisas e novos estudos precisam ser realizados no intuito de atender a essas exigências para que, futuramente, esse instrumento tão relevante para avaliação psicológica infantil possa ser novamente empregado.

## **5 Estudos Brasileiros com o CAT-A**

Estudos brasileiros foram revisados, em detrimento de estudos estrangeiros, em função de especificidades socioculturais. As bases de dados SciELO, Lilacs, Medline, PsycINFO e IndexPsi foram consultadas na busca de publicações dos últimos 20 anos. Os poucos estudos são descritos e analisados a seguir, utilizando-se o critério de apresentá-los por ordem cronológica do ano de publicação. O material encontrado diz respeito aos esforços de verificar qualidades psicométricas do instrumento, à capacidade do CAT-A para identificar aspectos psicopatológicos, assim como estudos de caso com o instrumento.

Mengarda (1983) realizou pesquisa com intuito de verificar se há correspondência entre o tipo de produção de estórias no CAT-A e os acontecimentos significativos da vida da criança. Para tanto, utilizou uma amostra de 20 crianças com idades entre três e 10



anos, de Porto Alegre (RS), encaminhadas para uma clínica-escola de atendimento com fins de psicodiagnóstico. Concluiu que a criança realmente projeta seus conflitos nas estórias que produz, sendo o CAT-A um instrumento capaz de analisar as conflitivas infantis, portanto, de grande utilidade para o psicodiagnóstico.

Um estudo a respeito das respostas do CAT-A na faixa pré-escolar foi realizado por Cunha, Nunes e Werlang (1991), observando a capacidade das crianças dessa faixa etária para responder ao instrumento de acordo com as instruções, ou seja, criando estórias com sequência temporal. As autoras afirmam que utilizaram o *rapport* de Hirsch, Verthelyi e Rodriguez (1971) para o estudo. Empregaram uma amostra de 48 crianças, de baixa renda, oriundas de Porto Alegre (RS), com idades entre três e seis anos e foram atribuídos escores para classificar as respostas obtidas. As autoras concluíram que, apesar de Bellak e Bellak (1992a) indicarem o instrumento para essa faixa etária, as crianças pré-escolares em função de seu nível de desenvolvimento perceptual, conceitual e lingüístico, produzem respostas predominantemente (68,96%) não aperceptivas.

Os temas mais freqüentes para cada prancha foram estudados por Tardivo (1998), através de 102 protocolos meninos e meninas, com idades entre cinco e oito anos, de classe média, estudantes de escolas públicas e privadas do estado de São Paulo. O resultado elencou respostas típicas da amostra estudada: algumas estavam de acordo com os achados de Bellak (1966/1981), mas outras tantas foram acrescentadas àquelas de Bellak (1966/1981), como, por exemplo: prancha 1-relação com figura fraterna; prancha 2-relação dual (com a mãe e o pai), prancha-relação com figura materna. Segundo Tardivo (1998), os resultados de sua pesquisa apontaram para validação do protocolo de Bellak (1966/1981); entretanto, nem todos os temas propostos em cada prancha por Bellak (1966-1981) foram encontrados por ela em seu estudo.

Tardivo (1998) complementou seu estudo, encontrando evidências de validade para o CAT-A a partir de uma amostra de 80 crianças, entre cinco e oito anos, da rede de ensino público e privado do estado de São Paulo. Os resultados do CAT-A foram correlacionados aos do teste Fábulas de Düss e aos do Procedimento de Desenhos de Estórias (D-E). Concluiu que os três instrumentos possuem aspectos convergentes, no entanto, enfatizou a maior capacidade do CAT-A e D-E de investigar conteúdos mais latentes que o teste Fábulas de Düss.

Carotenudo (2000), através de estudo qualitativo do CAT-A utilizado no psicodiagnóstico de uma menina de 10 anos do estado de São Paulo, buscou compreender a relação dos conflitos emergentes nas estórias da criança com o conteúdo latente de seus

pesadelos. Utilizou também outros instrumentos, como HTP, DFH e Bender e para o CAT-A baseou-se no sistema de Bellak e Bellak (1992). Concluiu que tanto o conteúdo do pesadelo como as histórias do CAT-A, comunicam de forma inconsciente as fantasias, angústias e desejos da criança, podendo ser valiosos para compreensão do psiquismo infantil.

Vagostello (2002) realizou avaliação psicológica em um menino de oito anos, classe social baixa, estudante da 1ª série do ensino fundamental da periferia do município de São Paulo, vítima de negligência e abuso sexual. Utilizou o Teste de Desenho de Histórias, Teste de Rorschach e CAT-A (Bellak e Bellak, 1991) com o objetivo de comprovar se esses instrumentos de personalidade são capazes de detectar as conflitivas da criança. Concluiu que o CAT-A, bem como os demais instrumentos, é útil para avaliar o funcionamento psíquico da criança, mecanismos de defesa utilizados e a forma como se processa a relação com figura materna.

A avaliação psicológica de um menino de quatro anos, encaminhado a um Centro de avaliação psicológica no estado de São Paulo por demonstrar dificuldades de interação e de brincar, foi realizada por Almeida, Silva e Fornelos (2003). Após a análise do caso, através de entrevistas de anamnese e hora de jogo e a interpretação do CAT-A, segundo os critérios de Bellak e Bellak (1991), os autores concluíram que o CAT-A é sensível para detectar problemas de personalidade na criança, sendo dessa forma, um instrumento fundamental para a avaliação psicológica infantil.

Antony, Ribeiro e Brasília (2004) realizaram pesquisa investigando o funcionamento psicológico das crianças hiperativas através de uma amostra composta por 20 sujeitos: cinco crianças com idades entre oito e 11 anos, cinco casais e cinco professores, selecionados no Centro de Orientação Médico Psicopedagógica, vinculado à Secretaria da Saúde do Distrito Federal. Todas as crianças possuíam diagnóstico de TDAH. Nas crianças foi aplicado o CAT-A e com os adultos foi realizada entrevista. O CAT-A foi interpretado a partir da teoria gestáltica. Maiores detalhes sobre o método não estão especificados no estudo. Concluíram que as crianças hiperativas apresentam características psicológicas específicas que formam a base de sua personalidade, podendo dessa forma, através do CAT-A, se detectar questões ligadas à hiperatividade.

O CAT-A foi utilizado também por Benczik (2005) para avaliar crianças com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade e compreender seu funcionamento psíquico a partir de uma amostra de quarenta crianças do sexo masculino, com idades entre seis e onze anos, de pré-escola à 6ª série, de cidades do interior do estado de São

Paulo. A metade dessas crianças possuía diagnóstico de TDAH e a outra metade não tinha o referido diagnóstico. A análise foi realizada às cegas, por três juízas embasadas nos critérios interpretativos de Tardivo (1998). Como resultado se obteve uma elevada correlação entre os avaliadores, com níveis de significância inferiores a 0,01. O CAT-A foi capaz de diferenciar crianças com e sem TDAH na análise feita às cegas. O estudo apontou para validade e precisão do CAT-A como instrumento útil para diagnóstico de TDAH.

Fonseca e Capitão (2005) desenvolveram um estudo visando comprovar a validade do CAT-A para identificação de crianças vítimas de abuso sexual. Utilizaram o Teste do Desenho da Figura Humana e CAT-A. Participaram desse estudo 30 crianças, sendo metade meninas e metade meninos, com idades de seis a 10 anos, divididas em dois grupos distintos. O primeiro grupo, de 15 crianças, que apresentava histórico de abuso sexual, foi selecionado através de prontuários em serviços de psicologia de instituições que atendem menores em algumas cidades do interior de São Paulo. O outro, de 15 crianças não vítimas de abuso, foi selecionado a partir de indicação de professores das escolas municipais também de São Paulo. Para o CAT-A foi utilizado o método de Bellak e Bellak (1991). Os resultados indicaram que os tanto o DFH como o CAT-A são sensíveis para indicar situações de abuso sexual em crianças.

Silva e Villemor-Amaral (2006) realizaram pesquisa de evidência de validade concorrente entre as categorias de indicadores da autoestima nas técnicas projetivas CAT-A e HTP, correlacionando-as com o instrumento de autorrelato, EMAE - Forma A. Além disso, realizaram um estudo de precisão entre avaliadores objetivando dar maior confiabilidade aos resultados obtidos no CAT-A. Participaram dessa pesquisa 32 crianças, entre sete e 10 anos, meninos e meninas, oriundas da 4ª série do ensino fundamental de escolas públicas de São Paulo. Para o estudo foi criado quatorze categorias para análise da auto-estima no CAT-A, a partir dos referenciais de Bellak e Bellak (1991) e Tardivo (1992) e, para o HTP, indicadores baseados no protocolo interpretativo de Buck (1964-2003). Os resultados demonstraram que as categorias de indicadores elaboradas para apresentaram boa precisão pelo sistema de avaliadores. Os índices de correlação entre os instrumentos também permitiram encontrar evidência de validade para o CAT-A e o HTP.

Legname de Paulo (2006) investigou a relação entre possíveis distúrbios emocionais com as dificuldades de aprendizagem escolar, em crianças com inteligência normal através do CAT-A. Estudou o psicodiagnóstico de quatro crianças com queixas de aprendizagem, com idades entre oito e 10 anos, 3 meninos e 1 menina, de 2ª a 4ª série do

ensino fundamental da cidade de São Paulo. Para análise da inteligência foi aplicado WISC III e para correção do CAT-A utilizou os critérios interpretativos de Tardivo (1998). Concluiu que o CAT-A é sensível para detectar indicadores de problema de aprendizagem e que as crianças com essa patologia apresentam um determinado perfil de respostas.

Estudo realizado por Mishima (2007) buscou conhecer as características psicodinâmicas de crianças obesas e de seus pais. Foram realizados cinco estudos de caso com crianças do sexo masculino, com idades entre sete e 10 anos, na cidade de Ribeirão Preto (SP). Nas crianças foi aplicado o CAT-A de Bellak e Bellak (1991), além do Teste da Figura Humana de Machover. Nos pais foi utilizado o Teste de Machover e o TAT. Os resultados apontaram para uma dinâmica familiar específica que sustenta a obesidade, assim como foram levantadas características próprias da personalidade do obeso.

Villemor-Amaral e Xavier (2007) realizaram estudo com objetivo de buscar validade do CAT-A para avaliação da relação com a figura materna. Investigaram o grau de concordância entre avaliadores a partir de critérios previamente estabelecidos, visando melhor confiabilidade dos resultados obtidos no teste. Para interpretação do teste utilizaram os parâmetros de Tardivo (1992). Duas juízas experientes e com considerável bagagem psicanalítica, de forma independente e cega quanto ao aspecto a ser analisado na pesquisa, corrigiram 31 protocolos de meninos e meninas sem patologias clínicas, estudantes do ensino fundamental da rede pública de São Paulo, com idades entre sete e 10 anos. Encontraram fidedignidade entre as avaliadoras pela pontuação dos protocolos do teste nos indicadores selecionados e concluíram que os índices apresentados pelo Kappa para a maioria dos indicativos de relação materna podem ser considerados satisfatórios. Dessa forma, pode-se admitir a precisão do CAT-A para análise da relação com a figura materna.

Uma pesquisa sobre a personalidade e dinâmica afetiva da criança com bruxismo foi elaborada por Rodrigues (2008). A autora comparou dois grupos de 15 crianças, da cidade de Ribeirão Preto (SP), com e sem a patologia, pareadas por sexo, idade e escolaridade, com idades entre seis e 12 anos. Utilizou o CAT-A e realizou uma entrevista semi-estruturada com os cuidadores destas crianças. Concluiu a partir da proposta de Bellak e Bellak (1992 a) e da teoria psicanalítica que crianças com bruxismo demonstram submissão, dificuldades de enfrentamento e resolução de conflitos, bem como baixa autoestima.

Em estudo publicado, Xavier e Villemor-Amaral (2010) verificaram as possibilidades do CAT-A analisar aspectos da cognição. Para tanto, dois juízes analisaram de forma independente (e um terceiro juiz no caso de discordâncias), doze protocolos de meninos e meninas, com idades entre sete e 10 anos, de 1ª à 4ª série do ensino fundamental, de uma escola da rede pública do interior do estado de São Paulo. Adaptaram categorias de indicadores de integração perceptual e níveis de percepção elaborados por Teglassi (2001) integrando com o sistema de Bellak e Bellak (1949/1991) para o CAT-A. Os resultados apontaram para concordância entre avaliadores, indicando que o CAT-A é instrumento confiável para avaliar nível de percepção e dimensão cognitiva.

### **Considerações Finais**

Pesquisa realizada em Clínicas de Atendimento Psicológico dos cursos de Psicologia do Rio Grande do Sul concluiu que 34,4% dos pacientes que buscam atendimento são crianças de zero a 12 anos, com queixas relativas a dificuldades no comportamento, problemas afetivos e dificuldades de aprendizagem (Savahlia e Nunes, 2007). Estas crianças, em sua grande maioria, são indicadas, inicialmente, especialmente pelas escolas, para psicodiagnóstico.

Sabe-se que, atualmente, após a Resolução nº 002/2003 (CFP, 2003) restaram poucos instrumentos de personalidade válidos, autorizados pelo Conselho Federal de Psicologia – CFP, a serem utilizados na avaliação psicológica de crianças. Por outro lado, estudos demonstram que o CAT-A, mesmo impedido de uso para esta finalidade, segue sendo um dos instrumentos mais conhecidos no Brasil pelos profissionais da área (Noronha, Primi e Alchieri, 2005) e era, antes da referida resolução, um dos dez testes mais utilizados tanto na clínica como na avaliação psicológica de crianças (Alves e Alchieri, 2002).

Conforme estudos encontrados nas bases de dados, observa-se que, tanto na área da Psicologia, como em outras áreas da saúde, quando o objetivo da pesquisa é examinar a personalidade das crianças associada à determinada patologia física ou psíquica, o CAT-A normalmente ainda é o instrumento escolhido, o que comprova sua importância e a relevância de estudos de validação para o mesmo.

Poucos estudos buscando validade para o CAT-A no Brasil foram encontrados, nas bases de dados, sendo ainda, os existentes, quase todos do estado de São Paulo. Desta forma, são urgentes pesquisas nas demais regiões brasileiras, utilizando amostra de crianças de diferentes níveis sócio-econômicos e faixas etárias, para investigação das qualidades psicométricas do CAT-A.

Provavelmente a escassez de estudos neste sentido, está ligada às dificuldades de validação para o teste. Não é fácil estabelecer padrões de avaliação que orientem a interpretação dos resultados, por isso também existem muitas críticas ao instrumento (Xavier e Villemor-Amaral, 2010). Os protocolos de interpretação existentes, conforme foi explicitado neste estudo, são extensos, sem categorias claramente definidas, exigem conhecimento psicanalítico e estão atrelados à subjetividade do avaliador.

Este estudo pretendeu iniciar as investigações sobre o instrumento, seu histórico, pesquisas brasileiras existentes e sistemas mais conhecidos de interpretação, para que, desta forma, possa se vislumbrar um caminho para dar início aos estudos empíricos para o CAT-A, e, quem sabe, futuramente, através da pesquisa e comprovação de suas qualidades psicométricas, possa atender às exigências do CFP – Conselho Federal de Psicologia.

## Referências

- Almeida, S.; Silva, L.C.; Fornelos, M. (2003). Não quero brincar- A avaliação psicológica e diagnóstica em saúde mental infantil. *Análise Psicológica*, 21(1), 77-83.
- Alves, I. C. B.; Alchieri, J. C.; Marques, K. C. (2002). As técnicas de exame psicológico ensinadas nos cursos de graduação de acordo com os professores. *Psico-USF*, 7(1), 77-88.
- Anastasi, A.; Urbina, S. (2000). *Testagem psicológica*. Porto Alegre: Artmed.
- Antony, S.; Ribeiro, P. J. (2004). A Criança Hiperativa: Uma Visão da Abordagem Gestáltica. *Psicologia Teoria e Pesquisa*, 20(2), 127-134.
- Anzieu, D. (1986). *Os Métodos Projetivos*. Rio de Janeiro: Ed. Campus.
- Bellak, L.; Adelman, C. (1966). El test de Apercepcion Infantil (CAT). In A. Rabin & M. Haworth (Eds.), *Técnicas Proyectivas para niños* (pp. 65-87). Buenos Aires: Editora Paidós.
- Bellak, L. (1975). *The Thematic Apperception Test-The Children's Apperception Test-Technique in Clinical use*. 5 ed. New York: Larchmont.
- Bellak, L.; Bellak, S. S. (1992a) *Manual do Teste de Apercepção Infantil Figuras de Animais*. Campinas: Editora de Livro Pleno–ME.
- Bellak, L.; Bellak, S. S. (1992b) *Manual do Teste de Apercepção Infantil Figuras de Animais CAT-S suplemento*. Campinas: Editora de Livro Pleno –ME.
- Benczik, E.B.P. (2005). *Crianças com Transtorno de Déficit de Atenção/ Hiperatividade: um estudo dos aspectos psicodinâmicos a partir do Teste de Apercepção Infantil- CAT-A*. Tese de doutorado. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, IPUSP, Brasil.
- Bordin, I. A. S.; Mari, J. J.; Caeiro, M. F. (1995). Validação da Versão Brasileira do Child Behavior Checklist (CBCL) (Inventário de Comportamento da Infância e da Adolescência): dados preliminares. *Revista ABP – APAL*, 17(2), 55-66.
- Carotenudo, C. (2000). *O pesadelo infantil e o teste CAT: uma análise psicodinâmica*. São Paulo: Ed.Vetor.

- CFP (2003). *Resolução Conselho Federal de Psicologia. n° 002/2003*. Define e regulamenta o uso, a elaboração e a comercialização de testes psicológicos e revoga a Resolução CFP n° 025/2001. Brasília. 2003. Recuperado em 29 de agosto de 2009, de <http://www.pol.org.br/legislacao/resolucoes.cfm?ano=2003>
- Cunha J. A.; Nunes, M. L. T. (2010). Medida Projetiva. In L. Pasquali. *Medida Projetiva – Instrumentação Psicológica: Fundamentos e Práticas* (pp.57-375). Porto Alegre: Artmed.
- Cunha, J. A.; Nunes, M. L. T.; Werlang, B. S. G. (1991). As respostas ao CAT-A na faixa pré-escolar. *Psico*, 22(2), 89-103.
- Fonseca A. R.; Capitão, C. G.(2005). Abuso sexual na infância: um estudo de validade de instrumentos projetivos. *Psic*, 6(1), 27-34.
- Freitas, N. K. (2000). *Teste de Apercepção Infantil*. In J. A. Cunha (Ed.), *Psicodiagnóstico- V* (pp.399-401). Porto Alegre: Artmed.
- Freud, S. (1894/1976). Estudos sobre a histeria. In J. Strachey (Ed. & Trad.) *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 2, 43-368). Rio de Janeiro: Imago.
- \_\_\_\_\_ (1897/1976). Extratos e Documentos dirigidos a Fliess. Carta 64 (Rascunho N Notas III]. In J. Strachey (Ed. & Trad.) *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 1, 243-380). Rio de Janeiro: Imago.
- \_\_\_\_\_ (1907/1976). Delírios e sonhos na “Gradiva” de Jensen. In J. Strachey (Ed. & Trad.) *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 9, 17-97). Rio de Janeiro: Imago.
- \_\_\_\_\_ (1908/1976). Escritores criativos e devaneio. In J. Strachey (Ed. & Trad.) *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 9, 149-162). Rio de Janeiro: Imago.
- \_\_\_\_\_ (1910/1976). Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância. In J. Strachey (Ed. & Trad.) *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 11, 59-127). Rio de Janeiro: Imago.
- \_\_\_\_\_ (1911/1976). Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia. In J. Strachey (Ed. & Trad.) *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 12, 23-105). Rio de Janeiro: Imago.
- \_\_\_\_\_ (1913/1976). Totem e Tabu In J. Strachey (Ed. & Trad.) *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 13, 17-193). Rio de Janeiro: Imago.



- \_\_\_\_\_ (1928/1976). Dostoiévski e o Parricídio. In J. Strachey (Ed. & Trad.) *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 21, 205-224). Rio de Janeiro: Imago.
- Herzberg, E.; Erdman, E.; Becker, E. (1995). Técnicas de Exame Psicológico utilizadas no Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo: Levantamento realizado em 1994. *Boletim de Psicologia*, XLV (102), 85-96.
- Hirsch, S. B. (1981). Guia de Interpretação do Teste de Apercepção Infantil (CAT-A) de Bellak. In M. L. S. Ocampo; A. M. Arzeno; E. G. Picollo. *O Processo Psicodiagnóstico e as Técnicas Projetiva*. São Paulo: Martins Fontes.
- Jacquemin, A. A.; Martins, M. A. O. (1976). Estudo comparativo do CAT-A e do CAT-H em crianças de 7 e 8 anos. *Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada*, 28(1), 37-47.
- Laplanche, J.; Pontalis, J. B. (1985). *Vocabulário de Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- Legname de Paulo, M. S. L. (2006). Contribuição do Teste de Apercepção Infantil no Diagnóstico de Inibição Intelectual. *Anais da IV Jornada APOIAR: Infância, sofrimento emocional e clínica contemporânea*. São Paulo. IPUSP.
- Mengarda, C. F. (1983). Projeção dos dados significativos da história pregressa nas lâminas do CAT-A. *Psico*, 6(2), 27-41.
- Mishima, F. K. T. M. (2007). *Investigação das características psicodinâmicas de crianças obesas e seus pais*. Dissertação de mestrado não publicado. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto. Ribeirão Preto- SP.
- Montagna, M. E. (1989). *Análise e Interpretação do CAT: Teste de Apercepção Temática Infantil*. São Paulo: EPU.
- Murray, H. A. (2005). T.A.T –Teste de Apercepção Temática. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Noronha, A. P. P.; Primi, R.; Alchieri, J. C. (2005). Instrumentos de Avaliação mais conhecidos/utilizados por estudantes e profissionais de Psicologia. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18(3), 390-401.
- Nunes, M. L.T.; Levenfus, R. S. L. (2007). O uso de teste psicológico na orientação profissional. In R. S. Levenfus, D. Soares et al. (Eds.), *Orientação Ocupacional: novos modelos* (pp.195-208). Porto Alegre: Artmed.

- Rodrigues, K. (2008). *Aspectos psicológicos de crianças com bruxismo*. Dissertação de Mestrado não publicado. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto. Ribeirão Preto-SP.
- Savahlia, J. A. D.; Nunes, M. L. T. (2007). Motivos de consulta em crianças de clínicas-escola de cursos de Psicologia no Rio Grande do Sul. *Perspectiva*, 31, 29-42.
- Silva, M. C. V. M.; Montagna, M. E. (2008). O Teste de Apercepção Temática. In: A. E. Villemor-Amaral; B. S. G. Werlang (Eds.), *Atualizações em Métodos Projetivos para Avaliação Psicológica* (pp.133-146). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Silva, M. F. X.; Villemor-Amaral, A. E. (2006). A auto-estima no CAT-A e HTP: estudo de evidência de validade. *Avaliação Psicológica*, 5(2), 205-215.
- Tardivo, L. S. P. C.; Xavier, M. F. (2008). O Teste de Apercepção Temática Infantil com figuras de Animais (CAT-A). In A. E. Villemor-Amaral & B. S. G. Werlang (Eds.), *Atualizações em Métodos Projetivos para Avaliação Psicológica* (pp. 147-162). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Tardivo, L. S. P. C. (1998). *Teste de Apercepção Infantil com Figuras de Animais (CAT-A) e Teste das Fábulas de Düss*. São Paulo: Vetor.
- Vagoscello, L. (2002). O risco de negligência: um estudo de caso. *Psic: Revista da Psicologia da Vetor*, 3(1), 142-152.
- Villemor-Amaral, A. E.; Xavier, M. F. X. (2007). Avaliação da relação com a figura materna no CAT-A. *Psic: Revista de Psicologia da Vetor*, 8(2), 195-203.
- Werlang, B. S. G. (2002). TAT, conforme o modelo de Bellak. In J. A. Cunha (Ed.), *Psicodiagnóstico- V* (pp. 409-415). Porto Alegre: Artmed.
- Xavier, M. F. X.; Villemor-Amaral, A. E. (2010). Precisão entre avaliadores na análise de aspectos cognitivos no CAT-A. In M. L. T. Nunes (Ed.). *Técnicas projetivas em crianças* (pp. 121-144). São Paulo: Casa do Psicólogo.

## ESTUDO EMPÍRICO

### AVALIAÇÃO DA FIDEDIGNIDADE ENTRE JUÍZES PARA OS TEMAS DO CAT-A

#### EVALUATION OF RELIABILITY AMONG JUDGES IN THE ANALYSIS OF THE THEMES OF THE CAT-A

**RESUMO:** O presente estudo foi dividido em três partes. Na primeira, buscou-se verificar a fidedignidade entre juízes para os temas do CAT-A, conforme os sistemas de interpretação de Bellak e Bellak (1992) e de Tardivo (1998). Na segunda parte, buscou-se a concordância dos temas propostos por estes autores com uma amostra de 135 protocolos do CAT-A de crianças entre cinco e 12 anos, retirados do banco de dados do grupo de pesquisa: “Formação, Avaliação e Atendimento em Psicoterapia Psicanalítica”. Na terceira parte, foram elencados os temas novos encontrados com maior frequência nos protocolos estudados. Os resultados demonstraram concordância quase perfeita ou substancial entre os avaliadores para todas as categorias de temas propostos por Bellak e Bellak (1992) e Tardivo (1998), indicando que os avaliadores compreenderam os sistemas de categorização em análise, trabalhando de forma adequada com eles. Além disto, os resultados do estudo coincidiram com os de Bellak e Bellak (1992) para os principais temas das pranchas 1, 2, 4, e 7, e com os de Tardivo (1998) nas pranchas 1, 4, 7, 8 e 10. Para a prancha 3, foram encontrados como temas mais frequentes: morte, velhice, fraqueza, amizade e relação com figura de autoridade. Na prancha 5: medos, relação com figura materna e estórias em torno de situações onde a criança é sozinha em casa; na 6: medos, preocupação com necessidades básicas e agressão e, na 9: medo de ataque externo, doença e preocupação com necessidades básicas da família.

**Palavras-chave:** Psicologia Clínica, Teste de Apercepção Temática, Testes Psicológicos

Avaliação Psicológica, Fidedignidade entre avaliadores.

**ABSTRACT:** This study was divided into three parts. At first, the reliability between judges for the themes of the CAT-A, according to the interpretation systems by Bellak and Bellak (1992) and Tardivo (1998) was verified. In the second part, the agreement of the themes proposed by these authors with a sample of 135 protocols CAT-A from children aged between five and 12 years from the database of the Group "Training, Evaluation and attendance in Psychoanalytic Psychotherapy" was examined. In the third part, the new themes in the sample, the most found, were listed. The results show substantial or almost perfect agreement between evaluators for all categories of themes proposed by Bellak and Bellak (1992) and Tardivo (1998), indicating that the evaluators understood the systems of categorization of themes in analysis, working with them appropriately. Moreover, the results of the study coincided with those of Bellak and Bellak (1992) for the main themes of the pictures 1, 2, 4 and 7, and with the Tardivo (1998) on picture 1, 4, 7, 8 and 10. For the third picture, were found more frequently themes as: death, old age, weakness,

friendship and relationship with authority figures. For the fifth picture: fears, relationship with the mother figure and stories about situations where the child is left alone at home. For the picture 6: fears, concerns about basic needs and aggression and for the picture 9: fear of outside attack, disease and concern about basic needs of the family.

**Keywords:** Clinical Psychology, Apperception Thematic Test, Psychological tests, Psychological Evaluation, Inter-rater reliability.

## 1 INTRODUÇÃO

Pasquali (1996) enuncia que os testes psicológicos, de forma científica, realizam o que qualquer organismo biológico ou social sistematicamente faz, ou seja, avalia situações para poder decidir, de forma útil, atitudes a tomar, de modo a sobreviver e fomentar seu desenvolvimento. Rosa (1997) enfatiza que...”os testes fascina as pessoas em geral, o cliente e mesmo o psicólogo” (p.28). Desde 1920, a área dos testes psicológicos cresceu muito, havendo testes utilizados até hoje: os testes estandardizados passaram a ser utilizados em todo o mundo. Muitos testes de origem norte-americana para avaliar habilidades e personalidade foram traduzidos em muitas línguas (Aiken, 1997).

A psicanálise, também desde cedo, contribuiu para a área, através, por exemplo, do teste de associação de palavras de Jung, em 1904, que influenciou os testes projetivos a partir de então. A contribuição da teoria psicanalítica foi mostrar que tais associações poderiam a ser entendidas e interpretadas como parte da história e dos conflitos do sujeito testado (Anzieu, 1986). Os psicanalistas iniciaram o uso de desenhos e relato livre como testes projetivos em crianças, entendendo-os como semelhantes aos fenômenos dos sonhos ou dos sintomas neuróticos; por exemplo, Murray, em 1935, nos Estados Unidos criou o Teste de Apercepção temática (TAT).

Entretanto, as medidas psicológicas geram discussões árdias entre os psicólogos sempre (Pasquali, 1996; Villemor-Amaral; Pasqualini-Casado, 2006). Períodos de crítica aos testes se tornam mais marcados pelo ceticismo (Villemor-Amaral; Pasqualini-Casado, 2006), mesmo que, conforme Patto (2000), a avaliação, para “fins psicodiagnósticos é, por lei, privativa desses profissionais [os psicólogos] e está no centro de sua identidade” (p.68) e que, na virada do século XIX para o XX, tenha sido a construção de testes psicológicos que estabeleceu a Psicologia como ciência (Ribeiro, 1999); foram os testes, certamente dentre outros elementos, que conquistaram um espaço social para a psicologia como profissão (Rosa, 1997).

A crítica ao uso de testes é vista por Güntert (2000) por dois prismas. De um lado, há uma valorização exagerada do instrumental, atribuindo a ele expectativa de precisão e exatidão das medidas, poder de previsibilidade e possibilidade de diagnósticos diferenciais estabelecidos sem dúvidas, o que instala um sentido de onipotência; de outro, há uma rejeição porque o instrumental é visto como pouco confiável, precário, possibilitando uma

generalização de traços, que podem vir a discriminar determinadas populações, pois normas e padrões não são específicos da população testada.

Certamente a crítica mais sólida aos testes é aquela que diz respeito às qualidades psicométricas do instrumental, representadas pelos conceitos de validade, fidedignidade, padronização e normatização, definidas, de forma breve, a seguir.

Ser válido significa que o teste mede o que deve medir (Pasquali, 1996), através de que conceito propõe medir (Fachel; Comey, 2000). Fidedignidade, segundo Pasquali (1996), é o fato de que os escores de um sujeito se mantêm idênticos em ocasiões diferentes (p. 103), ou à sua estabilidade temporal (Fachel; Comey, 2000). Já ser padronizado trata da uniformidade do processo de aplicação, avaliação e interpretação do teste (Andriola & Lima, 1999). Se existe o cálculo da distribuição de frequência de escores de uma amostra ou população, então o teste está normatizado, explica Cronbach (1996).

Muitos dos testes disponíveis para uso no Brasil são oriundos de outros países e nem sempre foram submetidos aos estudos de suas qualidades psicométricas em amostras brasileiras. Em 1993, Hutz e Bandeira apontaram que o Desenho da Figura Humana vinha sendo usado como se “as normas estabelecidas a partir de amostras americanas testadas em 1950 e 1960 pudessem ser consideradas automaticamente válidas para crianças brasileiras” (p. 35). Atualmente, mesmo oito anos após a Resolução nº 002/2003 (CFP, 2003), a situação do CAT-A bem como de outros testes projetivos permanece sem solução.

Em função dos problemas desta ordem é que, conforme, Sbardelini, Sisto e Primi (2001), torna-se urgente o desenvolvimento de tecnologia brasileira que responda às especificidades da nossa população. Já em 1988, Kroeff sublinhava a necessidade de se escolher instrumentos a serem estudados em suas qualidades psicométricas, formar profissionais capazes em relação à área da medida psicológica e da criação ou adaptação de instrumentos para uso no Brasil; tal tarefa, com o auxílio do computador e vários pacotes estatísticos permite estudos capazes de assegurar as qualidades psicométricas dos testes, de modo a minimizar os possíveis efeitos deletérios ao sujeito examinado (Andriola, 1996).

O Conselho Federal de Psicologia (CFP, 2003), através da Resolução nº 002/2003, determinou aos psicólogos brasileiros que para qualquer instrumento para avaliação psicológica, é imprescindível que se apresente definição do construto a ser avaliado,

evidências empíricas de validade, precisão das interpretações, propostas para os escores do teste com justificativas para os procedimentos específicos adotados na investigação, além de ênfase na precisão de avaliadores. Além disto, os estudos devem ter sido realizados com amostras brasileiras e necessitam ser revisados periodicamente.

Na área do psicodiagnóstico, utiliza-se o termo projetivo como adjetivo para qualificar as técnicas que objetivam estimular no sujeito o processo de projeção (Cunha; Nunes, 2010). Werlang e Fensterseifer (2008) ressaltam a importância destas exigências em relação aos testes projetivos, salientando que a finalidade não é transformar uma técnica projetiva em um instrumento psicométrico, mas de exigir destas técnicas condições mínimas importantes para que possam ser utilizadas como instrumentos de mensuração.

Os críticos dos testes projetivos salientam o excessivo grau de subjetividade do avaliador na interpretação dos resultados, a baixa fidedignidade, os poucos trabalhos sérios de validação e a necessidade de dados normativos. Os defensores, por sua vez, enfatizam a riqueza quantitativa das informações produzidas e sua capacidade de investigar questões complexas (Werlang; Fensterseifer, 2008). Além disto, as técnicas projetivas, por não oferecerem respostas certas ou erradas, não são manipuláveis como algumas das psicométricas ou dos inventários de personalidade (Urbina, 2007)

Xavier e Villemor-Amaral (2010) destacam as dificuldades na busca de fidedignidade dos instrumentos projetivos, em especial do CAT-A: as variáveis da personalidade estão articuladas de forma complexa, sendo difícil definir claramente as categorias, além das respostas ao teste sofrerem influência do nível de desenvolvimento emocional e cognitivo da criança, criando problemas para se obter a concordância desejável. Apesar desta complexidade, é possível buscar maneiras de analisar as respostas com um grau satisfatório de precisão, de modo que vários profissionais experientes possam chegar a conclusões semelhantes, evitando-se a interferência excessiva da subjetividade do avaliador na interpretação dos resultados, que compreende o acesso à verdade do sujeito em questão.

Os testes projetivos estão fundamentados no pressuposto freudiano de que as características dos heróis representam tendências da personalidade do sujeito, integrando aspectos de seu passado a desejos inconscientes (Murray, 2005). A partir deste sentido do termo projeção, em 1939, Frank cunhou a expressão “métodos projetivos”, com intuito de explicar o mecanismo de alguns testes psicológicos já na época existentes, entre eles o Teste de Apercepção Temática de Murray, criado em 1935 (Anzieu, 1986). Em 1950,

Bellak definiu o termo apercepção como a interpretação que o sujeito faz de uma percepção a partir de seu mundo interno. Desta forma, toda interpretação subjetiva constitui uma distorção aperceptiva (Bellak, 1975). Quanto menores forem os recursos de ego do indivíduo, maiores serão as distorções aperceptivas (Tardivo, 1998).

O Teste de Apercepção Temática Infantil (Child Apperception Test, em inglês; doravante CAT-A) situa-se como uma técnica projetiva temática, uma vez que, de acordo com as instruções do instrumento, é solicitado à criança que narre uma estória a partir de um tema (Montagna, 1989). O CAT-A foi criado em 1949, por Leopold Bellak e Sonya Sorel Bellak, baseado no TAT (Bellak; Bellak, 1992<sup>1</sup>), que havia sido elaborado em 1935, por Henry Murray. O teste está composto por 10 pranchas de animais em situações do cotidiano infantil e, para cada prancha, a criança deve criar um conto. O instrumento objetiva avaliar a personalidade de crianças entre três e 10 anos de idade, através do estudo da percepção de estímulos padronizados, de modo a analisar conflitos relacionados com as principais fases do desenvolvimento psicosssexual infantil: oral, anal e fálica (Bellak; Bellak, 1992). Em seu estudo original, Bellak e Bellak (1992) elaboraram o teste a partir de uma amostra de 200 protocolos de crianças de três a 10 anos, inclusive. Não constam mais informações sobre esse grupo de crianças no texto original. Ao projetar seu mundo interno nas figuras do teste, através da identificação com os personagens apresentados, a criança narra temas para cada gravura. Tais temas foram categorizados pelo casal Bellak, como, por exemplo, problemas relativos à oralidade rivalidade entre irmãos, relação com figura materna, preocupação com a origem dos bebês; medo de escuro; medo do abandono dos pais; medo de ser deixado só. Tema, vale explicar, é a motivação da criança para contar a estória; podem surgir diversos temas, no entanto, na maioria das vezes, se encontra um denominador comum em certo número de estórias; os temas revelam padrões de comportamento.

No Brasil, Tardivo (1998), analisou as respostas típicas de 102 meninos e meninas, de cinco a oito anos, de classe média, de escolas públicas e privadas do estado de São Paulo, na busca de temas mais freqüentes em cada prancha, com base em Bellak (1966) e no referencial teórico kleiniano das relações objetais. Os itens mais freqüentes em cada prancha são elencados a seguir. Na prancha 1: relação com a figura materna, percebida como pessoa que nutre e gratifica, assim como, em menor escala, relação com figura

---

<sup>1</sup> No Brasil é comercializado, para uso em pesquisa, o texto de 1949 publicado pelo Editorial Psy, de Campinas, SP, em 1992. Ao longo do texto, essa obra do casal Bellak será citada/referida pelo ano de 1992 – publicação brasileira.



fraterna; na prancha 2: conflito edípico vivido de forma lúdica; na prancha 3: relação com a figura paterna, predominando o vínculo de hostilidade e depreciação; na prancha 4: situação de lazer com a figura materna. Na prancha 5: cena primária; na prancha 6: também temas relacionados à cena primária, situação edipiana e situações referentes à masturbação noturna; na prancha 7: reação diante da agressão, com ênfase na figura masculina como a que ataca. Na prancha 8: percepção da figura parental, sempre sendo de aceitação, identificação e proteção, surgiram referências à figura materna e paterna igualmente; na prancha 9: abandono, reação ante ao isolamento e, com menor frequência, independência/ crescimento e medo de escuro e na prancha 10: relação com regras sociais e disciplina e presença de impulsos.

Os resultados da pesquisa de Tardivo (1998), embora apontem para validação do protocolo de Bellak (1966) mostram que nem todos os temas propostos então em cada prancha foram encontrados por ela em seu estudo. Na prancha 1, na qual, apesar de ser típico o tema alimentação e oralidade, proposto por Bellak (1966) este apareceu ligado estritamente à mãe, em contrapartida como os autores, que sugerem tanto o pai como a mãe como figura que alimenta. Na prancha 4, a rivalidade entre irmãos e nascimento de bebês, também temas propostos originalmente, não se confirmaram. Nas pranchas 5 e 6, não se constatou temas relacionados à manipulação mútua entre crianças e na prancha 10, apesar de se encontrarem os temas dos Bellak (1966) com frequência, não apareceram como respostas típicas, prevalecendo a idéia da independência e crescimento.

Apesar do CAT-A ser um dos instrumentos para análise da personalidade infantil mais usado no Brasil (Noronha; Primi; Alchieri, 2005), seu sistema de correção e interpretação não possuem parâmetros bem definidos e poucos estudos psicométricos foram realizados com o instrumento dando margem a inúmeras críticas. A metodologia utilizada no estudo original não é explicitada no manual e o instrumento é norte americano (Bellak; Bellak, 1992).

Uma vez que pesquisas utilizando o CAT-A são escassas no Brasil e as existentes foram realizadas, em sua grande maioria, no estado de São Paulo, este trabalho surgiu no intuito de dar início aos estudos psicométricos do instrumento, na tentativa de que, futuramente, possa integrar a lista de testes viáveis com fins de avaliação psicológica no país, buscando, em primeiro lugar verificar se os temas eliciados pelo instrumento original se mantinham atualmente em uma amostra brasileira, porto-alegrense.

Os temas que as pranchas pretendem eliciar foram coletados por Bellak e Bellak (1992), em 1949, através das estórias das crianças norte-americanas e da realidade daquela

época. As figuras e os animais escolhidos guardam relação com aquele período. Resta saber, se nos dias atuais, mais de meio século depois, estes temas ainda podem ser considerados predominantes em crianças de outros países. Cabe lembrar que o único estudo brasileiro realizado sobre os temas do CAT-A, ocorreu em 1992, por Tardivo (1998), e desde então, 20 anos se passaram.

## 2 OBJETIVOS

- 2.1 Realizar estudo de fidedignidade entre juízes para os temas propostos nos sistemas de avaliação para o CAT-A de Bellak e Bellak (1992) e de Tardivo (1998).
- 2.2 Verificar a concordância dos temas das estórias das crianças deste estudo com os temas do CAT-A elencados por Bellak e Bellak (1992) e Tardivo (1998).
- 2.3 Identificar temas novos que possam surgir nas estórias criadas para o CAT-A pelas crianças da amostra porto-alegrense.

## 3 MÉTODO

### 3.1 DELINEAMENTO

Este projeto de pesquisa, inserido no “*Grupo de Pesquisa Formação, Avaliação e Atendimento em Psicoterapia Psicanalítica*”, coordenado pela professora Maria Lucia Tiellet Nunes, reutilizou materiais coletados em outra pesquisa, já aprovada (Anexo A). A tratativa estatística dos dados, entretanto, é nova em função dos objetivos da presente dissertação.

A investigação teve um delineamento quantitativo, transversal, descritivo, de testagem da fidedignidade entre juízes; para a análise dos temas novos, realizou-se estudo qualitativo e descritivo. Como o material investigado pertence a um banco de protocolos de testes já existente no grupo de pesquisa, ao qual esse estudo está associado, trata-se de uma pesquisa documental e, portanto, retrospectiva.

### 3.2 FONTES DE DADOS

Foram examinados 135 protocolos de CAT-A de meninos e meninas, com idades entre cinco e 12 anos, de avaliação psicológica e de escolas públicas de Porto Alegre, RS, provenientes do banco de dados do grupo de pesquisa acima mencionado. Tais protocolos foram coletados nos últimos dois anos.

### 3.3. INSTRUMENTOS

A pesquisa utilizou os seguintes instrumentos do banco de dados:

- Ficha de Informação sobre a Criança (Anexo B)
- Teste de Apercepção Temática Infantil CAT-A (Bellak; Bellak, 1992).

A Ficha de Informações sobre a Criança foi desenvolvida tendo por objetivo melhor conhecê-la e investigar os dados sócio-demográficos da criança.

O CAT-A, alvo deste estudo, é um teste projetivo infantil que tem como finalidade avaliar os conflitos básicos do desenvolvimento psicosssexual infantil, como relação com a figura materna e alimentação, rivalidade fraterna, questões ligadas à agressão, relação com a figura paterna, entre outros conflitos. (Bellak; Bellak, 1992).

### 3.4. PROCEDIMENTO DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS

Do banco de dados foram retirados os 135 casos de pesquisa em escola ou de avaliação psicológica em que o CAT-A foi utilizado como instrumento. As respostas do CAT-A de todos os casos foram digitadas para a presente pesquisa, que teve como próximo passo o treinamento de juízas.

Para domínio do instrumento pelas juízas, foi realizado treinamento que constou das seguintes etapas: estudo dos sistemas de interpretação do CAT-A mais usados no Brasil, iniciando-se por aquele de Bellak e Bellak (1992), e depois os sistemas de Montagna (1989) e Tardivo (1998), este último utilizado em muitas das pesquisas paulistas. Depois foi realizado treinamento da mestrandia e de duas estudantes de psicologia, bolsistas de iniciação científica\* familiarizadas com o teste, foram realizados

20 levantamentos dos temas dos protocolos da pesquisa, segundo Bellak e Bellak (1992) e <sup>2</sup>Tardivo (1998), anotando a concordância ou discordância entre os temas dos protocolos da presente pesquisa; esses protocolos foram trabalhados pelo trio em conjunto. Posteriormente, às cegas foram examinados pelas três juízas participantes mais 10 protocolos com posterior discussão sobre a avaliação concordante ou discordante dos temas.

Tendo havido boa compreensão da tarefa, passou-se a avaliar os 135 protocolos às cegas.

A avaliação dos temas dos 135 protocolos foi realizada como segue:

Foi solicitado que, em uma folha de respostas (Anexo C), onde estavam elencados todos os temas propostos pelos dois autores, as juízas, ao lerem, assinalassem os temas coincidentes ou discordantes com aqueles de Bellak e Bellak (1992) e Tardivo (1998) e os temas novos escritos na coluna própria para tal. A avaliação das juízas foi realizada de maneira independente. Após esta etapa, as respostas das juízas para cada categoria sugerida pelos autores em estudo foram transpostas para um banco de dados para análise através do programa estatístico *SPSS for Windows versão 17.0*.

A fidedignidade entre juízes foi avaliada através da estatística *Kappa*, medida de concordância que pode adquirir valores escalares de 0 (zero) a 1 (um) cujos valores, segundo Landis e Koch (1977), podem ser:

Tabela 1: Valores e Categorias de interpretação da estatística KAPPA

<b>Valor <i>Kappa</i></b>	<b>Interpretação</b>
Abaixo de 0,0	Pobre
0,00 – 0,20	Leve
0,21 – 0,40	Regular
0,41 – 0,60	Moderada
0,61 – 0,80	Substancial
0,81 – 1,00	Quase perfeita

A análise da frequência de respostas em concordância ou discorância com Bellak e Bellak (1992) e Tardivo (1998) foi realizada através do programa estatístico *SPSS for Windows versão 17.0*.

---

<sup>2</sup> Foram juízas: Adriana Sylla Pereira Santos (mestranda em psicologia clínica), Rafaela Medeiros Paniagua (bolsista de iniciação científica BPA-PUCRS) e Laura Zaslavski (bolsista FAPERGS). Para efeitos estatísticos cada uma das bolsistas foi considerada como J2 enquanto a mestranda foi a J1.

Os temas não encontrados pelos autores estudados e encontrados pelas juízas foram submetidos à análise de conteúdo e dispostos em tabelas para cálculo de frequências absolutas e relativas.

#### 4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Em primeiro lugar, apresentam-se duas tabelas com informações sobre as crianças que haviam sido submetidas ao CAT-A ou no contexto de avaliação psicológica ou de pesquisas em escola.

**Tabela 1** Caracterização da amostra em relação à origem dos protocolos do CAT-A, sexo e escolaridade

		Pré-escolar		Escolar		Total	
		N	%	N	%	N	%
<b>Em avaliação</b>	Masc	2	8,3	22	91,7	24	100
	Fem	1	6,7	14	93,3	15	100
<b>Em escola</b>	Masc	3	8,8	31	91,2	34	100
	Fem	6	9,7	56	90,3	62	100
<b>Total</b>						135	100

**Tabela 2** Caracterização da amostra em relação à idade das crianças

##### Idades

<b>Idade</b>	<b>Número</b>	<b>%</b>
5anos	11	8,1
6anos	6	4,4
7anos	18	13,3
8anos	27	20,0
9anos	28	20,7
10anos	28	20,7
11anos	14	10,4
12anos	3	2,2
<b>Total</b>	<b>135</b>	<b>100,0</b>

O cálculo do qui-quadrado mostra que tanto o grupo em avaliação ( $\chi^2=0,36$ ;  $df=1$ ;  $P=0,849$ ) como o grupo da escola ( $\chi^2= 0,19$ ;  $df=1$ ;  $P=0,891$ ) são homogêneos em relação à idade e escolaridade.

Os resultados desta pesquisa, segundo os objetivos apresentados, serão examinados em três etapas para melhor compreensão dos dados. Inicialmente, serão demonstrados os achados para fidedignidade entre avaliadores para os temas de Bellak e Bellak (1992) e de Tardivo (1998). Posteriormente, serão apresentados os temas de Bellak e Bellak (1992) e de Tardivo (1998) que encontraram concordância com a amostra dessa dissertação e, em um terceiro momento, será exibido os temas novos, encontrados na amostra sob estudo.

No caso do estudo de fidedignidade entre avaliadores para os temas do CAT-A, na tabela 3 são apresentados os resultados.

**Tabela 3** Sumário do resultado da medida de concordância entre juízas em todos os 10 temas de Bellak e Bellak (1992)

<b>Pranchas/Temas</b>	<b>Kappa</b>	<b>Juizes</b>	<b>P</b>	<b>Grau</b>
P1- Oralidade	0,85	J1-J2	<0,001	QP
P1- Rivalidade Fraternal	0,82	J1-J2	<0,001	QP
P1- Alimentação	0,85	J1-J2	<0,001	QP
P1- Relação com a figura materna	0,78	J1-J2	<0,001	S
P2- Luta- medo de agressão	0,80	J1-J2	<0,001	QP
P2- AgressãoX Autonomia	0,91	J1-J2	<0,001	QP
P2- Jogo ou Brincadeira- cabo de guerra	0,72	J1-J2	<0,001	S
P2- Medo de castração/punição	0,80	J1-J2	<0,001	S
P3- Relação com figura paterna	0,84	J1-J2	<0,001	QP
P3- Submissão x Autonomia	0,80	J1-J2	<0,001	S
P4- Rivalidade Fraternal	0,91	J1-J2	<0,001	QP
P4- Preocupação com o nascimento de bebês	0,93	J1-J2	<0,001	QP
P4- Relação com a figura materna	0,82	J1-J2	<0,001	QP
P5- Cena primária com todas as variantes	0,80	J1-J2	<0,001	S
P5- Manipulação mútua e exploração entre crianças	0,98	J1-J2	<0,001	QP
P6- Cena primária	0,89	J1-J2	<0,001	QP
P6- Ciúmes na relação triangular	0,85	J1-J2	<0,001	QP
P6- Masturbação	1,00	J1-J2	<0,001	QP
P7- Medos de agressão e os meios de lidar com eles	0,93	J1-J2	<0,001	QP
P7- Medos de castração	0,89	J1-J2	<0,001	QP
P8- Papel da criança na constelação familiar	0,49	J1-J2	<0,001	M
P8- Relação com os pais	0,58	J1-J2	<0,001	M
P8- Temas de oralidade	0,67	J1-J2	<0,001	S
P9- Medo do escuro	0,98	J1-J2	<0,001	QP
P9- Medo da solidão	0,78	J1-J2	<0,001	S
P9- Medo do abandono	0,89	J1-J2	<0,001	QP
P10- Treinamento dos esfíncteres	0,86	J1-J2	<0,001	QP
P10- Masturbação	1,00	J1-J2	<0,001	QP

**Legenda:** QP= quase perfeito

S= substancial

M= moderado

**abela 4** Sumário do resultado da medida de concordância entre juízas em todos os 10 temas de Tardivo (1998)

<b>Pranchas/Temas</b>	<b>Kappa</b>	<b>Juízes</b>	<b>P</b>	<b>Grau</b>
P1- Relação com a figura materna	0,78	J1-J2	<0,001	S
P1- Relação com a figura paterna	0,93	J1-J2	<0,001	QP
P1- Relação com figura combinada pai e mãe	0,95	J1-J2	<0,001	QP
P1- Relação com a figura fraterna	0,75	J1-J2	<0,001	S
P2- Relação Dual- sem inclusão de terceiros	0,89	J1-J2	<0,001	QP
P2- Relação Edípica- pais ou tamanho diferenciado	0,65	J1-J2	<0,001	S
P2- Relação com os outros iguais	0,65	J1-J2	<0,001	S
P3- Relação com a figura paterna	0,86	J1-J2	<0,001	QP
P3 - Relação com a figura materna	0,93	J1-J2	<0,001	QP
P4- Relação com a figura materna	0,82	J1-J2	<0,001	QP
P4- Relação com a figura fraterna	0,82	J1-J2	<0,001	QP
P4- Relação emocional da criança	0,59	J1-J2	<0,001	M
P5- Relação frente à situação triangular	0,80	J1-J2	<0,001	S
P5- Relação da criança com a figura fraterna	0,62	J1-J2	<0,001	S
P6- Relação dual sem terceiro elemento	0,84	J1-J2	<0,001	QP
P6- relação frente à situação triangular	0,62	J1-J2	<0,001	S
P7- Reação frente à ataque	0,93	J1-J2	<0,001	QP
P7- Relação com figura masculina como figura que ataca	0,78	J1-J2	<0,001	S
P7- Relação com figura feminina como figura que ataca	0,84	J1-J2	<0,001	QP
P8--Relação com meio familiar e com adultos	0,47	J1-J2	<0,001	M
P8- Relação com figura paterna	0,69	J1-J2	<0,001	S
P8 -Tardivo-Relação com figura materna	0,65	J1-J2	<0,001	S
P8- Relação triangular edípica	0,95	J1-J2	<0,001	QP
P9- Reação frente ao isolamento	0,68	J1-J2	<0,001	S
P9- Relação com figura materna	0,66	J1-J2	<0,001	S
P9 - Relação com figura paterna	0,82	J1-J2	<0,001	QP
P10- Reações frente às regras sociais, à disciplina	0,84	J1-J2	<0,001	QP
P10- Presença de impulsos descontrolados, falta de limites	0,64	J1-J2	<0,001	S

**Legenda:** QP= quase perfeito

S= substancial

M= moderado

As tabelas 3 e 4 apresentam o nível de concordância atingido em cada um dos temas analisados, prancha por prancha, entre as s juízas, para cada tema proposto nos protocolos de avaliação de Bellak e Bellak (1992) e de Tardivo (1998), respectivamente.

A partir Landis e Koch (1977), um KAPPA menor que 0,0 significa uma concordância pobre e 1,00, quase perfeita, pode-se afirmar que houve concordância altamente satisfatória entre as juízas, indicando que os temas propostas pelos autores



foram bem compreendidas e as avaliadoras trabalharam de forma adequada com os referencias estudados.

Cabe ressaltar que as avaliadoras participaram de treinamento para análise dos protocolos do CAT-A, o que, segundo Werlang e Fensterseifer (2008), é a maneira adequada para que dois avaliadores distintos possam chegar ao mesmo resultado.

Para visualizar os temas encontrados na amostra porto-alegrense em relação aos temas de Bellak e Bellak (1992) e de Tardivo (1998), são apresentadas as tabelas 5 e 6.

Tabela 5 Percentual de concordância dos temas da amostra em estudo com Bellak e Bellak (1992)

<b>Pranchas/Temas</b>	<b>Concordância</b>
P1 – Oralidade	89,1%
P1 - Rivalidade Fraternal	2,7%
P1 – Alimentação	89,1%
P1- Relação com a figura materna	67,3%
P2- Luta- medo de agressão	15,6%
P2- Agressão X Autonomia	0,0%
P2- Jogo ou Brincadeira- cabo de guerra	56,9%
P2- Medo de castração/punição- corda	3,7%
P3- Relação com figura paterna	9,0%
P3- Submissão x autonomia	3,6%
P4- Rivalidade Fraternal	1,8%
P4- Preocupação com o nascimento de bebês	0,9%
P4- Relação com a figura materna	78,4%
P5- Cena primária com todas as variantes	4,5%
P5- Temas de manipulação mútua e exploração entre crianças	0,0%
P6- Cena primária	2,7%
P6- Ciúmes na relação triangular	6,4%
P6- Masturbação	0,0%
P7- Medos de agressão e os meios de lidar com eles	93,7%
P7- Medos de castração (caudas)	0,9%
P8- Papel da criança na constelação familiar	9,1%
P8- Relação com os pais	13,6%
P8- Temas de oralidade	8,2%
P9- Medo do escuro	10,8%
P9- Medo da solidão	8,1%
P9- Medo do abandono	7,2%
P10- Crime-castigo	42,3%
P10- Treinamento dos esfíncteres	15,3%
P10- Masturbação	0,0%



Tabela 6 Percentual de concordância dos temas da amostra em estudo com Tardivo (1998)

<b>Pranchas/Temas</b>	<b>Concordância</b>
P1- Relação com a figura materna	67,3%
P1- Relação com a figura paterna	12,7%
P1- Relação com figura combinada pai e mãe	1,8%
P1- Relação com a figura fraterna	4,5%
P2- Relação Dual- sem inclusão de terceiros	5,5%
P2- Relação Edípica- pais ou tamanho diferenciado	19,3%
P2-Relação com os outros iguais	29,4%
P3- Relação com a figura paterna	4,5%
P3- Relação com a figura materna	1,8%
P4- Relação com a figura materna	78,4%
P4- Relação com a figura fraterna	12,6%
P4- Relação emocional da criança	3,6%
P5- Relação frente à situação triangular	13,5%
P5- Relação da criança com a figura fraterna	9,0%
P6- Relação dual sem terceiro elemento	8,2%
P6- Relação frente à situação triangular	18,2%
P7- Reação frente à ataque	93,7%
P7- Relação com figura masculina como figura que ataca	73,9%
P7- Relação com figura feminina como figura que ataca	11,7%
P8- Relação com meio familiar e com adultos	54,5%
P8- Relação com figura paterna	20,9%
P8- Relação com figura materna	42,7%
P8- Relação triangular edípica	0,9%
P9- Reação frente ao isolamento	26,1%
P9- Relação com figura materna	23,4%
P9- Relação com figura paterna	6,3%
P10- Reações frente às regras sociais, à disciplina	54,1%
P10- Presença de impulsos descontrolados, falta de limites	9,9%

Para análise da concordância das respostas das crianças da amostra da pesquisa com os autores em estudo: Bellak e Bellak (1992) e Tardivo (1998), foram considerados como satisfatórios resultados  $>$  ou  $=$  50%. E a figura 1 oferece, para melhor compreensão dos achados, uma síntese da comparação dos temas nas três amostras, sendo que a linha traçada indica que não há correspondência entre os autores.

**Figura 1 Temas concorrentes: Bellak e Bellak (1992), Tardivo (1998) e amostra estudada**

<b>PRANCHA 1</b>		
<b>Bellak e Bellak (1992)</b>	<b>Tardivo (1998)</b>	<b>Amostra (2010)</b>
Oralidade	-----	Oralidade
Rivalidade Fraterna	-----	-----
Alimentação	-----	Alimentação
Relação com fig. materna	Relação com fig. Materna	Relação com figura materna
-----	Relação com figura fraterna	-----
-----	Relação com fig. combinada	-----
-----	Relação com fig. paterna	-----
<b>PRANCHA 2</b>		
<b>Bellak e Bellak (1992)</b>	<b>Tardivo (1998)</b>	<b>Amostra (2010)</b>
Luta –medo de agressão	-----	-----
Agressão x autonomia	-----	-----
Jogo ou brincadeira	-----	Jogo ou brincadeira
Corda rompe: medo de castração	-----	-----
-----	Relação dual	-----
-----	Relação edípica	-----
-----	Relação com iguais	-----
<b>PRANCHA 3</b>		
<b>Bellak e Bellak (1992)</b>	<b>Tardivo (1998)</b>	<b>Amostra (2010)</b>
Relação com figura paterna	Relação com figura paterna	-----
Submissão x Autonomia	-----	-----
-----	Relação com figura materna	-----
<b>PRANCHA 4</b>		
<b>Bellak e Bellak (1992)</b>	<b>Tardivo (1998)</b>	<b>Amostra (2010)</b>
Rivalidade fraterna	-----	-----
Preocupação Nascimento bebês	-----	-----
Relação com figura materna	Relação com fig. materna	Relação com figura materna
-----	-----	-----
-----	Relação com fig. fraterna	-----
-----	Reação emocional da criança	-----
<b>PRANCHA 5</b>		
<b>Bellak e Bellak (1992)</b>	<b>Tardivo (1998)</b>	<b>Amostra (2010)</b>
Cena primária	-----	-----
Manipulação Mútua entre crianças	-----	-----
-----	Reação frente situação triangular	-----
-----	-----	-----

-----	Relação com fig. fraterna	-----
<b>PRANCHA 6</b>		
<b>Bellak e Bellak (1992)</b>	<b>Tardivo (1998)</b>	<b>Amostra (2010)</b>
Cena primária	-----	-----
Ciúmes na relação triangular	-----	-----
Masturbação	-----	-----
-----	-----	-----
-----	Relação dual	-----
-----	Reação frente à situação triangular	-----
<b>PRANCHA 7</b>		
<b>Bellak e Bellak (1992)</b>	<b>Tardivo (1998)</b>	<b>Amostra (2010)</b>
Medo de agressão e meios de lidar com eles	-----	medo de agressão e meios de lidar com eles
Caudas= castração	-----	-----
-----	Reação frente ao ataque	Reação frente ao ataque
-----	-----	-----
-----	Fig. Masculina ataca	Fig. Masculina ataca
-----	Fig. feminina ataca	-----
<b>PRANCHA 8</b>		
<b>Bellak e Bellak (1992)</b>	<b>Tardivo (1998)</b>	<b>Amostra (2010)</b>
Papel da criança na constelação familiar	-----	-----
Relação com pais	-----	-----
Temas de oralidade	-----	-----
-----	Relação com meio familiar e adultos	Relação com meio familiar e adultos
-----	Relação com figura paterna	-----
-----	Relação com figura materna	-----
-----	Relação triangulação edípica	-----
<b>PRANCHA 9</b>		
<b>Bellak e Bellak (1992)</b>	<b>Tardivo (1998)</b>	<b>Amostra (2010)</b>
Medo de escuro	-----	-----
Medo de solidão	-----	-----
Medo de abandono	-----	-----
-----	Reação frente ao isolamento	-----
-----	Relação com figura materna	-----
-----	Relação com fig. paterna	-----
<b>PRANCHA 10</b>		
<b>Bellak e Bellak (1992)</b>	<b>Tardivo (1998)</b>	<b>Amostra (2010)</b>
Crime e castigo	-----	-----
Treinamento de esfíncteres	-----	-----
Masturbação	-----	-----
-----	Reação frente às regras sociais, à disciplina	Reação frente às regras sociais, à disciplina
-----	Presença de impulsos descontrolados, falta de limites	-----

Ao comparar os temas encontrados na amostra com os encontrados Bellak e Bellak (1992) e Tardivo (1998), os resultados que encontram concordância, conforme definido – > ou = 50% - são:

- Oralidade e alimentação - Bellak e Bellak (1992), prancha 1
- Relação com a figura materna- Bellak e Bellak (1992), e Tardivo (1998), prancha 1
- Jogo ou brincadeira- Bellak e Bellak (1992), prancha 2
- Relação com figura materna - Bellak e Bellak (1992), e Tardivo (1998), prancha 4
- Medo de agressão - Bellak e Bellak (1992), e reação frente ao ataque, sendo a figura masculina que ataca - Tardivo (1998), prancha 7
- Relação com meio familiar e com adultos - Tardivo (1998), Prancha 8
- Reações frente às regras sociais e disciplina - Tardivo (1998), prancha 10

Como terceiro objetivo, foram elencados os temas que surgiram na amostra porto-alegrense e que não constavam nem em Bellak e Bellak (1992) nem em Tardivo (1998).

**Tabela 7 Estudo de frequências absolutas e relativas por prancha**

<b>Temas-Prancha 1</b>	<b>N=35</b>	<b>Frequência</b>
Medo	8	22,8
Morte	8	22,8
Assalto	4	11,4
Ataque de bicho	4	11,4
Machucado	2	5,7
Crime	2	5,7
Desabamento	3	8,55
Roubo de filhos	1	2,85
Acidente	1	2,85
<b>Temas-Prancha 2</b>	<b>N=31</b>	<b>Frequência</b>
Acidente	10	32,25
Alimentação	5	16,12
Morte pais	4	12,90
Adoção	1	3,22
Desobediência-castigo	2	6,45
Separação parental	1	3,22
Caça ilegal	2	6,45
Drogas	1	3,22
Relação com pais	1	3,22
Luta por terras	1	3,22
Dormir	1	3,22
Medo	1	3,22
Frio	1	3,22
<b>Temas-Prancha 3</b>	<b>N=215</b>	<b>Frequência</b>
Morte	40	18,6
Velhice - fraqueza	31	14,26
Amizade-brincadeira	29	13,4
Figura de autoridade	28	13,02

Características da personalidade do leão	20	9,2
Disputa de poder	15	6,9
Agressão	12	5,58
Era um avô	10	4,6
Doença	9	4,18
Sucessão trono	6	2,76
Castigo	5	2,32
Provocação	4	1,86
Acidente	1	0,46
Namoro	1	0,46
Assalto	1	0,46
Fama	1	0,46
<b>Temas-Prancha 4</b>	<b>N=152</b>	<b>Frequência</b>
Passeio	37	24,0
Ataque externo- perigo	36	23,4
Alimentação	28	18,2
Agressão e morte	16	10,4
Relação com figura paterna	14	9,1
Necessidade de casa, conforto e segurança	7	4,5
Medo	3	1,9
Namoro	3	1,9
Morte dos pais	2	1,3
Desemprego	2	1,3
Traição	2	1,3
Desmatamento	2	1,3
Ciúmes	1	0,6
Guerra	1	0,6
<b>Temas-Prancha 5</b>	<b>N=250</b>	<b>Frequência</b>
Medo de ataque externo- perigo	42	16,8
Relação com figura materna	41	16,4
Criança sozinha em casa	32	12,8
Necessidade de casa, comida e conforto	17	6,8
Dormir	17	6,8
Morte	16	6,4
Agressão	12	4,8
Medo de escuro	12	4,8
Passeio com família	10	4,0
Preocupação com nascimento de bebês	8	3,2
Acidente	6	2,4
Doença	5	2,0
Desobediência-castigo	4	1,6
Separação dos pais	4	1,6
Alimentação	3	1,2
Tristeza	3	1,2
Relação com fig. paterna	3	1,2
Perda da casa	3	1,2
Adoção	2	0,8
Frio	2	0,8
Segredos	2	0,8
Acidente	1	0,4
Fuga do filho	1	0,4
Desemprego	1	0,4
Brincadeira	1	0,4

Mentira	1	0,4
Relação com pais	1	0,4
<b>Temas-Prancha 6</b>	<b>N=263</b>	<b>Frequência</b>
Medo	60	22,8
Preocupação com necessidades básicas para os filhos	30	11,4
Agressão	22	8,4
Alimentação	15	5,7
Filho perdido ou roubado	14	5,3
Morte	14	5,3
Passeio-brincadeira com família	13	4,9
Dormir	10	3,8
Ataque externo- bandido	10	3,8
Filho sozinho em casa	10	3,8
Relação com figura materna	10	3,8
Destruição da casa	8	3,0
Relação com figura paterna	7	2,7
Preocupação co nascimento de bebês	6	2,3
Insônia	5	1,9
Acidente	5	1,9
Filho passando fome	5	1,9
Briga entre os pais	4	1,5
Frio	4	1,5
Desobediência-castigo	2	0,8
Amizade	2	0,8
Namoro	2	0,8
Prisão	2	0,8
Doença	2	0,8
Adoção	1	0,4
<b>Temas-Prancha 7</b>	<b>N=83</b>	<b>Frequência</b>
Morte	31	37,3
Alimentação	17	20,5
Disputa de poder-rivalidade	15	18,1
Brincadeira-amizade	5	6,0
Relação com figura materna	3	3,6
Falta de dinheiro	2	2,4
Passeio com família	2	2,4
Doença	2	2,4
Medo	2	2,4
Dormir	1	1,2
Velhice	1	1,2
Tristeza	1	1,2
Traição	1	1,2
<b>Temas-Prancha 8</b>	<b>N=162</b>	<b>Frequência</b>
Desobediência-castigo	66	40,7
Agressão	23	14,2
Relação com avós	20	12,3
Morte	11	6,8
Fofocas-segreto	10	6,2
Preocupação com nascimento de bebês	6	3,7
Relação com iguais	5	3,1
Amizade	5	3,1
Pobreza-riqueza	4	2,5
Abandono	4	2,5
Bandidos	3	1,9



Relação com vizinhos	3	1,9
Doença	2	1,2
<b>Temas-Prancha 9</b>	<b>N=141</b>	<b>Frequência</b>
Medo de ataque externo-bandido	20	14,2
Doença	16	11,3
Preocupação com necessidades Básicas (casa, comida e conforto)	13	9,2
Medo da porta aberta	13	9,2
Insônia	9	6,4
Agressão	9	6,4
Dormir	9	6,4
Morte	8	5,7
Tristeza	7	5,0
Desobediência-Castigo	6	4,3
Medo de assombração ou fantasma	6	4,3
Relação com iguais	5	3,5
Criança feliz sozinha em casa	4	2,8
Acidente	4	2,8
Medo de perder pais	3	2,1
Desemprego	3	2,1
Brincadeira	3	2,1
Casamento	2	1,4
Frio	1	0,7
<b>Temas-Prancha 10</b>	<b>N=135</b>	<b>Frequência</b>
Relação com mãe	50	37,0
Banho	25	18,5
Agressão	17	12,6
Alimentação	8	5,9
Relação com pais	7	5,2
Relação com pai	6	4,4
Medo	4	3,0
Amizade-brincadeira	4	3,0
Morte	3	2,2
Velhice	3	2,2
Doença	3	2,2
Preocupação com nascimento de bebês	2	1,5
Passeio em família	2	1,5
Pobreza	1	0,7

O CAT-A, instrumento projetivo que foi criado em 1949, com o objetivo de avaliar a forma como a criança vivenciou ou está vivenciando as conflitivas básicas inerentes ao desenvolvimento emocional infantil, conforme a proposta teórica psicanalítica (Bellak; Bellak, 1992). Para tanto, foram escolhidos pelos autores para compor as pranchas conflitos descritos como típicos da infância, ilustradas com figuras que fossem capazes de, através da projeção, motivar a criança a criar estórias em torno destes temas (Bellak e Bellak, 1992).

Entretanto, transcorridos tantos anos da criação do instrumento, considera-se relevante, investigar se estes temas ainda permanecem sendo característicos das crianças

na atualidade. Este estudo consistiu em escolher dois sistemas de correção utilizados para interpretação das estórias do CAT-A no Brasil: o de Bellak e Bellak (1992), autor do teste, e o de Tardivo (1998), mais freqüente nos estudos encontrados na literatura, com objetivo de investigar, se na amostra pesquisada, surgiriam temas semelhantes aos enumerados nos estudos destes autores. Os achados são examinados a seguir.

Para a prancha 1, a maioria das crianças da amostra elaborou estórias com os temas de Bellak e Bellak (1992): alimentação e oralidade (89%). A relação com a figura materna também apareceu de forma substancial (67%), confirmando os estudos dos autores, especialmente o de Tardivo (1998), que enfatizou a prevalência significativa da relação com a figura materna em detrimento de outras figuras que alimentam, como pai, por exemplo, também encontrado em por Bellak e Bellak (1992).

Anna Freud (1965) postulou que, até a fase edípica das crianças, existe uma equação em que mãe e alimento se identificam mutuamente. Em seguida, esta unificação vai se dissipando gradualmente. Desta forma, os conflitos com a figura materna se estendem para a área da alimentação, sendo difícil discriminar uma questão e outra. Hirsch (1981) compartilha deste entendimento, afirmando que, mesmo Bellak (1954) não pretendendo avaliar especificamente a relação com a mãe nesta prancha, esta é quase sempre incluída, visto que, normalmente, é a provedora do alimento.

Além destes, outros novos temas foram freqüentes para esta prancha na amostra estudada: medo, morte, assalto e ataque de bicho, na maioria dos casos aparecendo concomitantes aos temas da relação com figura materna e alimentação.

O aparecimento de diversas situações trágicas como desfecho das estórias, em situações nas quais o tema principal gira em torno da relação com a figura materna, chama atenção, dando margem a se pensar na percepção interna da criança de uma figura materna incapaz de proteger e amparar.

A maneira como a criança percebe o ambiente está relacionada com a forma como se processaram suas primeiras relações objetais, determinando todas as relações posteriores da criança e sua constituição psíquica. Segundo Winnicott (1962), inicialmente a criança é totalmente dependente da mãe e vai, gradativamente, adquirindo independência. Para tanto, necessita de cuidados maternos satisfatórios, os quais o autor denominou *holding*, significando capacidade da mãe para sustentar, tranquilizar e estimular o bebê. A mãe suficientemente boa, ou seja, capaz de ser continente às necessidades de seu bebê (fome, higiene e afeto, etc.), satisfaz as necessidades do bebê de

tal forma, que ele tem a ilusão da onipotência, acreditando que ele foi o provedor de tudo isto. Desta forma adquire segurança e autonomia.

Erikson (1976) descreve que a criança, no período dos 12 aos 18 meses (fase oral) vivencia um conflito típico: confiança básica X desconfiança básica. A alimentação e o ambiente são a base para o equilíbrio entre estes dois aspectos. Neste momento, o bebê desenvolve um sentimento em relação ao mundo como um lugar bom e seguro, ou não. O bebê deve aprender a confiar nos seus pais ou cuidadores para obtenção de alimento, conforto e amor incondicional, estabelecendo a confiança básica. Esta confiança é fundadora da capacidade de autonomia que deve ocorrer no segundo ano de vida. Caso a confiança predomine, as crianças desenvolvem a virtude da esperança e são capazes de estabelecer vínculos emocionais. Caso a desconfiança predomine, as crianças perceberão o mundo de forma hostil e imprevisível e terão dificuldades para formar relacionamentos íntimos.

Nesta fase do desenvolvimento infantil, a criança deve estabelecer uma dependência confiante nos objetos que proporcionam cuidados e apoio, gratificando necessidades orais, sem excessivo conflito dos desejos orais sádicos. Gratificação ou privação em excesso podem resultar em quadros patológicos. Sinais de fixações neste estágio são: excessivo otimismo, narcisismo, pessimismo, dependência, inveja e ciúme. O êxito da resolução desta fase proporciona a capacidade de dar e receber, sem excessiva dependência ou inveja, capacidade de confiança nos outros e em si próprio (Kaplan e Sadock, 2000).

Para prancha 2, o tema do jogo ou brincadeira surgiu em mais da metade da amostra (56,9%) um dos temas típicos de Bellak e Bellak (1992). Na teoria psicanalítica, diversos autores dedicaram-se a compreender a função do brinquedo/ jogo para a criança.

Winnicott (1975) ressalta que a brincadeira é própria da saúde e serve como forma de comunicação. Através da brincadeira a criança manifesta seus conflitos assim como naturalmente, elabora-os. Desta forma o brinquedo exerce uma função auto-curativa. Lebovici e Diatkine (1985) acreditam que através do jogo a angústia pode ser transformada em prazer. Desta forma, o brinquedo ou jogo pode ser considerado uma representação direta da luta destes instintos, ou seja, dos objetos bons e objetos maus internalizados.

Nas crianças da amostra, apareceram como temas novos frequentes para esta prancha, o acidente, em que a corda era utilizada como meio para salvar um personagem, e temas ligados à alimentação. A partir dos autores acima mencionados, pode-se

compreender este aparecimento da seqüência: brincadeira, acidente e salvamento, como uma forma da criança manifestar sua fantasia agressiva, tendo, por fim, a possibilidade de reparação. O tema de alimentação pode ser compreendido como resqüício de materiais psíquicos da prancha anterior. (Bellak; Bellak,1992).

Para a prancha 3, Bellak e Bellak (1992) e Tardivo (1998) foram unânimes em acreditar que esta elicia temas ligados à relação com a figura paterna, ainda que Tardivo (1998) também admita a possibilidade de poder representar a figura materna. Entretanto, temas ligados à figura paterna surgiram em apenas 9% da amostra pesquisada. Velhice, fraqueza e morte, temas mencionados, mas não predominantes nos estudos dos autores, apareceram como temas principais.

Estórias centralizadas na relação com o avô também foram encontradas em número significativo. Este dado parece interessante, uma vez que Bellak e Bellak (1992) criaram esta prancha utilizando um leão com aparência de velho, munido de cachimbo e bengala, como representante da figura paterna e de autoridade.

Atualmente, em função das mudanças sócio-culturais ocorridas, o cachimbo é pouco conhecido pelas crianças, e bengala normalmente ainda não é utilizada pelos pais de crianças da faixa etária em estudo. Desta forma, dificilmente velhice, bengala e cachimbo representariam a figura paterna, desencadeando projeções neste sentido para a geração anterior, no caso os avôs.

O tema da autoridade apareceu entre os temas novos apontados pelas juízas, sugerindo que a figura do leão incita respeito, autoridade. Contudo, a percepção da figura paterna como figura de autoridade não foi encontrada com a mesma freqüência nas estórias das crianças da amostra pesquisada.

Dolto (1999) buscou compreender as mudanças do papel dos pais e da família nos últimos anos, acreditando que tenha havido uma desagregação das estruturas tradicionais. Os pais já não têm o mesmo prestígio, e a autoridade é sentida como um autoritarismo. Família não é mais indicativo de segurança, de estabilidade, não mais se relaciona com as recordações tradicionais. Suas raízes, ao invés de nutritivas, são pesadas. Os pais mostram-se inseguros, têm medo de exercer o poder, de educar e perder o amor dos filhos.

A velhice e as pessoas idosas, ao contrário das décadas passadas, que se relacionavam à experiência, segurança, apaziguavam tensões e ajudavam no enraizamento do espírito familiar, hoje não passam de “móveis-pessoas que são transportados a

moradias já pequenas demais, velhos cuja única posse é um aparelho de televisão, chatos que tem manias e reivindicações” (Dolto, 1999, p.30).

Um número expressivo de crianças mostrou tendência a simples descrição desta prancha, enfatizando o fato do leão estar “parado”, restringindo-se a mencionar características do leão (triste, arrogante, brabo, doente, solitário, etc.), sem conseguir elaborar uma estória contemplando a proposta do autor (o que está acontecendo, o que aconteceu antes e o que acontecerá depois).

Para a prancha 4 foi predominante na amostra os temas da relação com a figura materna (78,4%) em consonância com os autores estudados. Tardivo (1998) descreveu que, em seu estudo, apareceu de forma dividida, a situação de passeio e a situação de perigo na relação com a figura materna. Estas situações foram confirmadas na pesquisa da dissertação aqui apresentada.

Outro tema encontrado com freqüência na amostra em estudo, para esta prancha, foi a relação com figura paterna. Bellak e Bellak (1992) e Tardivo (1998) encontraram como temas predominantes a relação com a figura materna, uma vez que na prancha estão representados um canguru grande e dois pequenos. O surgimento da figura paterna encontra respaldo na literatura. Na atualidade, houve modificação nos papéis familiares, e se os pais, por um lado perderam autoridade aos olhos dos filhos, por outro são mais participativos, mantendo com estes uma relação de maior intimidade e também exercendo a maternagem (Outeiral, 2008).

Outeiral (2008) acredita que se vive hoje um período de transição, não persistindo mais aquele padrão familiar no qual existia a mãe grandiosa e o pai excluído das necessidades emocionais do filho, muitas vezes reforçado numa figura autoritária e castradora. Entende que, atualmente, os papéis são compartilhados em todos os aspectos pelos pais, não deixando a mãe de ser feminina e o pai de ser masculino.

Na amostra dessa dissertação, para a prancha 5, o medo de ataque externo (bandidos, monstros, fantasmas, pessoas malvadas) e a relação com a figura materna apareceram como temas principais. Tais ataques, na maioria das vezes, ocorriam em situações onde a criança era deixada sozinha em casa.

Winnicott (1958) refere que a capacidade de estar só é um dos sinais mais importantes do amadurecimento e desenvolvimento emocional. A base desta capacidade é um paradoxo, visto que a mãe está introjetada, logo se “está só na presença do outro” (p.32). Entretanto, para que esta capacidade seja adquirida, deve ter havido uma mãe real, presente e suficientemente boa, nos primeiros anos de vida da criança. Quando a mãe não

atende as necessidades do bebê, este se torna inseguro, com dificuldades de autonomia e incapacidade de ficar só.

Para a prancha 6, surgiu como predominante na amostra estudada, novamente o tema do medo, além de preocupação com necessidades básicas, como casa, comida e conforto. Este último, provavelmente ligado às questões sócio-econômicas das crianças investigadas.

Entretanto, diferentemente do encontrado na amostra porto-alegrense para a prancha 5 e 6, Bellak e Bellak (1992) e Tardivo (1998) sugeriram respostas ligadas à cena primária ou a reação à situação triangular, e masturbação.

Cena primária foi um termo utilizado por Freud para designar a relação sexual entre os pais, tal como pode ser vista e fantasiada pela criança que a interpreta como um ato de violência, ou mesmo de estupro por parte do pai contra a mãe. Há uma cisão entre o amor que a criança sente pelos pais e o medo provocado pelo estranho comportamento deles. A curiosidade pelo que acontece no cômodo ao lado ou a observação da cena primária é considerada na linha Freudiana como um dos eventos mais significativos da infância e fator constitutivo na etiologia das neuroses (Roudinesco; Plon, 1998).

Acredita-se que, apesar do tema da cena primária e suas variantes não ter sido encontrado nas histórias das crianças da pesquisa, os temas novos encontrados podem ser derivados deste, estando relacionados com estas fantasias. Ana Freud (1965) sugeriu que, como consequência da percepção do ato agressivo e sádico da cena primária, a criança pode atuar seus afetos, mostrando-se indomável, má ou sempre pronta a brigar por qualquer motivo com outras crianças.

As diferenças encontradas entre a amostra em análise e os resultados dos estudos dos autores estudados também podem ser explicadas pela caracterização das amostras: o estudo de Tardivo (1998) foi realizado com crianças de classe média, o de Bellak e Bellak (1992), ainda que não seja mencionado o nível sócio econômico, é norte americano e realizado no ano de 1949. Desta forma, pode-se supor que as crianças destas pesquisas provêm de um nível sócio-cultural superior ao das crianças deste estudo, podendo-se inferir que o baixo aparecimento de temáticas ligadas à relação triangular edípica esteja ligado ao tipo de famílias das crianças da amostra em questão. Muitas destas crianças não contam com a presença do pai, outras residem apenas com a avó, algumas dormem com os familiares no mesmo quarto por falta de cômodo na casa (Papalia; Olds, 1998).

Ainda assim, observa-se que os temas se mantiveram ligados com a relação familiar ou a relação com os pais, porém as crianças desta amostra, provavelmente,

projetaram preocupações inerentes à realidade a que pertencem, prevalecendo àquelas relacionadas com as faltas reais e riscos de agressão concreta às fantasias edípicas ou sexuais.

Outra hipótese é que o esclarecimento sexual das crianças da atualidade, através dos meios de comunicação e da própria relação mais franca com os familiares, tenham as tornado menos curiosas a interessar em saber “o que acontece no quarto ao lado”, como descreve Bellak e Bellak (1992 p.8), uma vez que já descobriram isto por meio das telenovelas.

Dolto (1999) afirma que, através da televisão, entra nos lares e na família pessoas totalmente estranhas que impõe fantasias perturbadoras e substituem o papel dos pais de esclarecer e dialogar. Além disto, a autora acredita que a criança já tem a percepção da cena primária desde a vida intra-uterina, pois o feto já estava lá, com sua libido inteira, dependente das reações humorais e circulatórias de sua mãe. Lembra que, em outras civilizações, a mulher tão logo grávida, já não tem relações sexuais, e assim permanece até que tenha acabado de amamentar. Para nossa sociedade, este tabu também já existiu, no entanto, hoje não ocorre da mesma forma.

A falta de curiosidade em relação à cama dos pais também pode ser justificada pela falta de impedimento às crianças de, efetivamente, compartilharem desta cama. Em muitas dos protocolos analisados, aparecem situações nas estórias, em que a mãe ou o pai convidam a criança para dormir em sua cama, seja por conforto (para não terem que levar criança para o quarto ou criança quer atenção), seja para aceder o desejo de uma das partes. Os aspectos nefastos desta conduta são ressaltados por Dolto (1999). Segundo a autora, compartilhar a cama com os filhos pode causar muito prazer à criança e, sobretudo aos pais. Porém pode ser muito perigoso na vida imaginária de uma criança, uma vez que provoca emoções sexuais difusas, às vezes muito violentas, podendo bloquear a evolução para a sexualidade genital futura, pelo vínculo inconsciente que estabelece de forma irreprimível entre sensualidade e representações imaginárias arcaicas. Em outras situações, em função de dificuldades econômicas, pais e filhos partilham a cama ou quarto.

A prancha 7 foi a que apresentou maior concordância entre a amostra estudada e a opinião dos autores: 93,7% para o tema do medo da agressão e formas de lidar com eles, de Bellak e Bellak (1992), e o equivalente proposto por Tardivo (1998): reação frente à agressão.

A figura do leão, consagradamente um animal mais forte que o macaco, assim como a posição de ataque em que o animal se encontra na prancha, representa de forma

bastante clara a agressão, dando pouca margem a outros temas. A figura masculina como a que efetivamente ataca, é dita como predominante na pesquisa de Tardivo (1998). Este resultado foi confirmado na amostra da presente dissertação. Em algumas histórias a criança foi capaz de controlar ou reparar a agressão, mas a morte do macaco apareceu como desfecho mais freqüente, seja simplesmente pela agressividade do leão ou porque precisava se alimentar e o macaco seria naturalmente seu alimento. Uma forma de agressão mais atenuada, como temas em torno da rivalidade e disputa de poder, também foram encontrados em boa parte da amostra.

Para a prancha 8, metade da amostra (54,5%) elaborou histórias que tratam da relação com o meio familiar e com adultos, confirmando os achados de Tardivo (1998). Concomitante a este tema, a grande maioria das crianças, também elaborou histórias com temas em torno da desobediência e castigo. A agressão física, como forma de punição, foi freqüente na amostra em estudo. A mãe, e em muitos casos a avó, apareceu como pessoa que repreende e/ou castiga.

Alguns pais utilizam-se do reforço do bom comportamento e outros do castigo para deter o comportamento indesejável. Sabe-se que o reforço tem um resultado mais benéfico, enquanto que o castigo, especialmente o físico, representa um risco à criança. A tendência das crianças que são castigadas de forma severa é a imitação do comportamento agressivo (Papalia; Olds, 1998).

Outros temas evidenciados para esta prancha com freqüência foram: morte e situações em que os personagens faziam “fofoca” ou contavam segredos.

Na prancha 9, mesmo que o medo tenha sido o tema mais eliciado, não se apresentou sob as formas propostas por Bellak e Bellak (1992), que os dividiu em: medo de escuro, medo de abandono e medo de ficar só. Predominantemente, entre as crianças do estudo atual, apareceu o medo de ataque externo e/ou bandidos. Boa parte das crianças referiu o medo da porta aberta, sem definir o que exatamente poderia acontecer.

Este achado está em consonância com a situação de violência do país, e é sabido que as crianças possuem acesso facilitado a estas informações através dos meios de comunicação de massa, ou mesmo já foram vítimas de situações de violência urbana. A preocupação com necessidades básicas, como casa, comida e conforto novamente emergiram nesta prancha.

Papalia e Olds (1998) descrevem que alguns medos são temporários e comuns na segunda infância. Freqüentemente, crianças de dois a quatro anos têm medo de animais, especialmente cães, separação dos pais, escuro, ruídos, pessoas más, dano corporal etc.



Aos seis e oito anos, as crianças têm maior probabilidade de ter medo de escuro, acontecimentos noticiados pela mídia (guerra, furacão, roubos), seres sobrenaturais, ficar sozinho, dano corporal etc. Dos nove aos 12 anos é freqüente o medo de provas escolares, danos físicos e com a aparência, morte.

Anna Freud (1965) também sugere alguns medos típicos: Medos arcaicos (barulho, escuro, estranho e solidão), medo de separação, extermínio, fome mortal, ficar só, desamparo, medo de castração, operação cirúrgica, mutilação, médico, dentista, doença, ladrão, bruxas, fantasmas, doença. A autora acrescenta que alguns medos se relacionam a situações de perigo para as quais a criança é alertada desde cedo, outros a experiências desagradáveis vivenciadas. Todavia, nem todos os medos infantis são assim compreendidos, aparecendo mais cedo na vida da criança. Os medos estão também relacionados com o estágio das relações objetais. Depende das primeiras experiências de conforto e estabilidade afetiva encontradas na relação com a figura materna e no ambiente da criança.

Para a prancha 10, apenas o tema da reação frente às regras sociais e à disciplina foi característica de 51,1% da amostra porto-alegrense. Além destes temas, surgiram temas novos como o da agressão, normalmente relacionada a regras e indisciplina, ou em relação com a figura materna ou ainda em situações nas quais os personagens estão simplesmente tomando banho.

Não se pode deixar de observar a agressão como tema comum em todas as pranchas do estudo, sendo que, quando tinham este objetivo, obtiveram os mais altos índices de concordância entre Bellak e Bellak (1992) e Tardivo (1998) e os resultados do estudo atual.

A agressão pode ser definida, conforme Laplanche e Pontalis (1995) como o conjunto de tendências que se atualizam em comportamentos reais ou fantasmáticos, com intuito de prejudicar, destruir ou humilhar os outros. Também existe em negativo, através da recusa de algo positivo ao outro, através do simbólico, como no caso da ironia ou efetivamente atuado.

Winnicott (1956) discorre sobre os aspectos normais e patológicos da agressão, justificando que as condutas agressivas na infância resultam da privação materna. Entende que a ausência de uma mãe suficientemente boa, capaz de tolerar e sobreviver à agressão do bebê pode gerar a tendência anti-social.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho foi dividido em três partes: a primeira, um estudo de fidedignidade entre juízes para os temas propostos nos sistemas de avaliação para o CAT-A de Bellak e Bellak (1992) e de Tardivo (1998). A segunda parte teve como finalidade verificar a concordância dos temas das estórias das crianças com os temas do CAT-A, propostos pelos autores citados. A terceira parte buscou identificar os temas novos que surgiram nas estórias criadas para o CAT-A em uma amostra porto-alegrense.

Para a primeira parte, pode-se afirmar que a concordância encontrada foi altamente satisfatória para a grande maioria das categorias. Entretanto, as juízas obtiveram concordância moderada para os itens: “o papel da criança na relação familiar” e “relação com os pais”, temas de Bellak e Bellak (1992), ambos indicados para a prancha 8. Acredita-se que este resultado seja fruto da dificuldade para discernir os dois tópicos sugeridos para esta prancha. Como no protocolo destes autores as categorias não são amplamente explicadas, para esta pesquisa, classificou-se como o primeiro caso (o papel da criança na relação familiar) quando na estória ficava evidente uma função ou identidade da criança no meio familiar, quando aspectos da personalidade da criança eram enfatizados. Para o segundo caso (relação com os pais), foi categorizado quando o contexto da estória estava relacionado com atividades desenvolvidas na companhia dos pais (os dois juntos).

No estudo de fidedignidade entre juízes para o sistema interpretativo de Tardivo (1998), também houve menor concordância (moderada) na prancha 8, inferior as categorias das demais pranchas. A autora sugeriu para esta prancha: “relação com o meio familiar e com adultos”, que pode ser considerado equivalente ao tema “o papel da criança na relação familiar”, dos Bellak (1992).

Tardivo (1998) acrescentou outras três categorias para a prancha 8: “relação com figura materna”, “relação com figura paterna” e “reação triangular edípica”. Acredita-se que o acréscimo de categorias mais especificadas tenha diminuído a concordância na primeira, mais ampla, uma vez que na maioria das estórias fica definida a presença e relação com um adulto específico, sendo na maior parte das vezes, a mãe ou avós. Desta forma as categorias de Tardivo (1998): relação com mãe e relação com pai obtiveram melhor concordância (substancial).

Outra categoria que obteve concordância moderada entre as juízas foi: “reação emocional da criança”, referente à prancha 4, de Tardivo (1998). No protocolo original da autora esta é subdividido em subitens: a) sentindo prazer, lazer, passeio ou sentindo angústia de perigo, com reação de enfrentamento ou fuga. Apesar deste estudo, não ter contemplado os subitens, a partir da compreensão de seu significado, entende-se que algum tipo de reação emocional (positiva ou negativa) ocorre em todas as histórias, ou na grande maioria. Apesar disto, como no protocolo não constavam as reações específicas, talvez tenha gerado confusão entre as juízas, limitação do estudo.

Em relação à concordância dos temas originais dos autores a amostra em estudo, pode-se concluir que os temas propostos por Bellak e Bellak (1992) e Tardivo (1998) são representativos dos conflitos das crianças da amostra estudada para a maioria das pranchas. Os achados dessa dissertação coincidiram com os de Bellak e Bellak (1992) para os principais temas das pranchas 1, 2, 4, e 7, e com os de Tardivo (1998) nas pranchas 1, 4, 7, 8 e 10.

Entretanto observou-se discordância em relação a temas importantes do CAT-A como relação com figura paterna (prancha 3) situações que envolvem o contexto edípico, com temáticas de culpa ou ciúmes (pranchas 5 e 6). Uma explicação possível, e neste caso, limitação deste estudo, são as características sócio-econômicas e familiares das crianças avaliadas: nível sócio-econômico predominantemente baixo, muitas delas sem a presença da figura paterna. Os avós apareceram como figuras de autoridade, fato que é freqüente em sua realidade. Outra hipótese é que estas figuras realmente não sejam mais representativas dos conflitos a que se propõem. Como já foi mencionado, parece que o leão elicia autoridade, porém velhice e não paternidade. As figuras nebulosas que pretendem suscitar temas sexuais, mais despertam medo. Outra hipótese provável é que tais temáticas não tenham surgido em função de mecanismos de defesa utilizados pelas crianças. Considera-se fundamental a continuidade do estudo em crianças com famílias mais tradicionais e de nível sócio econômico mais elevado, para minimizar tais questionamentos.

Para as pranchas 3, 5, 6 e 9 pranchas foram encontradas respostas diferentes dos autores. Para a prancha 3, apareceram temas novos como mais freqüentes: morte, velhice, fraqueza, amizade e relação com figura de autoridade. Para a prancha 5: medos, relação com figura materna e histórias em torno de situações onde a criança é deixada sozinha em casa; Para a prancha 6: medos, preocupação com necessidades básicas e agressão e, para a

prancha 9, medo de ataque externo, doença e preocupação com necessidades básicas da família.

Cabe ressaltar que os temas novos encontrados todos se relacionam com questões contemporâneas de violência: morte, agressão, ataque, assalto, falta de cuidados básicos etc. Acredita-se, que sendo o CAT-A um instrumento projetivo, reflete a realidade social dos sujeitos em análise. Novamente surge o questionamento: apareceriam estes mesmos temas novos em crianças de outras realidades sócio-econômicas? É possível que sim, uma vez que, atualmente, qualquer sujeito que tenha acesso a informações a respeito dos fatos ocorridos no mundo, através dos meios de comunicação, sente medo. São sucessivas catástrofes naturais (terremotos, tsunamis, enchentes), assaltos, mortes, seqüestros, corrupção, pacificação de morros, rebeliões... Não se precisa ser vítima de violência doméstica, basta ligar a televisão! Além disto, mesmo que a criança não tenha sido vítima de um assalto, provavelmente sabe de um amigo ou conhecido que já tenha vivenciado esta experiência. Condomínios de luxo também são invadidos, a violência não está apenas nas favelas do Rio de Janeiro, enfim, a violência e o medo independem da realidade sócio-econômica. E, neste contexto atual, não é que as questões psíquicas ou fantasias sexuais sejam inexistentes ou irrelevantes, no entanto, estão suplantadas por temores reais maiores. As crianças sentem falta de proteção real e medo de perigos reais. Em muitas famílias, inclusive a sexualidade está mais liberada em função de perigos reais. Sabe-se que muitos pais de adolescentes preferem que seus filhos namorem à vontade, desde que livres de risco real, mais provável se seus filhos estiverem circulando pelas ruas.

Por fim, acredita-se que este foi apenas um estudo inicial, que abre inúmeras possibilidades para pesquisas com o CAT-A, a partir dos diversos questionamentos e limitações que foram surgindo no decorrer deste trabalho e novas pesquisas necessitam ser realizadas.

## **Referências**

- Aiken, I. R. (1997). *Psychological Testing and Assessment*. New York: ninth edition.
- Anastasi, A.; Urbina, S. (2000). *Testagem Psicológica*. Porto Alegre: Artmed.
- Andriola, W. B. (1996). Avaliação psicológica no Brasil: Considerações a respeito da formação dos psicólogos e dos instrumentos utilizados. *Psique*, 6(8), 98-108.

- Andriola, W. B.; Lima, M. G. O. (1999). A avaliação da opinião e do grau de conhecimento de estudantes de psicologia sobre os testes psicológicos: O caso da Universidade Federal do Ceará (UFC). *Psique*, 9(15), 91-106.
- Anzieu, D. (1986). *Os métodos projetivos*. Rio de Janeiro: Ed. Campus.
- Bellak, L. (1975). *The thematic Apperception test- The children's Apperception test- Technique in clinical use* (5rd ed). New York: Larchmont.
- Bellak, L.; Bellak, S. S. (1992) *Manual do Teste de Apercepção Infantil Figuras de Animais*. Campinas: Editora de Livro Pleno–ME.
- CFP (2003) Resolução nº 2, de 24 de março de 2003 (2003). Define e regulamento o uso, a elaboração e a comercialização de testes psicológicos e revoga a Resolução CFP nº 025/2001. Brasília. 2003. Recuperado em 29 de agosto de 2009, de <http://www.pol.org.br/legislacao/resolucoes.cfm?ano=2003>.
- Cronbach, L. J. (1996). *Fundamentos da testagem psicológica*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Cunha J. A.; Nunes, M. L. T. (2010). Medida Projetiva. In L. Pasquali. *Medida Projetiva – Instrumentação Psicológica: Fundamentos e Práticas* (pp.57-375). Porto Alegre: Artmed.
- Dolto, F. (1999). *Etapas decisivas da Infância*. São Paulo: Martins Fontes.
- Erikson, E. (1976). *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Fachel, J. M. G.; Camey, S. (2000). Avaliação psicométrica: a qualidade da medida e o entendimento dos dados. In J. A. Cunha (Ed.), *Psicodiagnóstico –V* (pp.158-170). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Freud, A. (1965) *A Avaliação da normalidade na infância* In *Infância Normal e Patológica* (pp.116-147). Rio de Janeiro: Zahar
- Güntert, A. E. V. A. (2000). Técnicas projetivas: O Geral e o particular em avaliação psicológica. In F. F. Sisto; E. T. B. Sbardelini; R. Primi (Eds.). *Contextos e questões: Da avaliação psicológica* (pp.77-84). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Hirsch, S. B. (1981). Guia de Interpretação do Teste de Apercepção Infantil (CAT-A) de Bellak. In M. L. S. Ocampo; A. M. Arzeno & E. G. Picollo. *O Processo Psicodiagnóstico e as Técnicas Projetivas*. São Paulo: Martins Fontes.
- Hutz C, & Bandeira, D. (1993). Tendências contemporâneas no uso de testes; uma análise da literatura brasileira e internacional. *Psicologia: reflexão e crítica*, 6(1/2), 185-193.

- Kaplan B. J.; Sadock, H. L. (2000). *Compêndio de Psiquiatria Dinâmica*. Porto Alegre: Artmed.
- Lebovici, S.; Diatkine, R. (1985). *Significado e Função do Brinquedo na Criança*. Porto Alegre: Artmed.
- Laplanche J.; Pontallis, J.B. (1995). *Vocabulário de psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- Landis, J. R.; Koch, G. G. (1977). The measurement of observer agreement for categorical data. *Biometrics* 33:159-174.
- Montagna, M. E. (1989). *Análise e Interpretação do CAT: Teste de Apercepção Temática Infantil*. São Paulo: EPU.
- Murray, H. A. (2005) T.A.T–Teste de Apercepção Temática. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Noronha, A. P. P.; Primi, R.; Alchieri, J. C. (2005). Instrumentos de Avaliação mais conhecidos/utilizados por estudantes e profissionais de Psicologia. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18(3), 390-401.
- Outeiral, J. O. (2008). Do adolescer ao adultecer. In O. J. Outeiral, L., Moura & S. Santos (Eds.), *Adultecer: a dor e o prazer de tornar-se adulto*. São Paulo:Revinter.
- Papalia, D. E.; Olds, S.W. (1998). *Desenvolvimento Humano*. Porto Alegre: Artmed.
- Pasquali, L. (1996). A teoria da medida. In L. Pasquali (Ed.), *Teoria e Métodos de Medida em Ciências do Comportamento* (pp. 21-42). Brasília, DF: LabPAM; INEP.
- Patto, M. H. (2000). Para uma crítica da razão psicométrica. In M. H. Patto (Ed.), *Mutações do cativo: Escritos de psicologia e política* (pp.65-83). São Paulo: Hacker Editores/Edusp.
- Ribeiro, J. L. P. (1999). *Investigação e avaliação em psicologia e saúde*. Lisboa: Climepsi.
- Rosa, M. D. (1997). A inserção dos testes psicológicos na psicologia atual. *TEMAS*, 53 10-30.
- Roudinesco, E.; Plon, M. (1998). *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Sbardelini, E. T. B.; Sisto, F. F.; Primi, R. (2001). *Contextos e Questões da Avaliação Psicológica*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Tardivo, L. S. P. C. (1998). *Teste de Apercepção Infantil com Figuras de Animais (CAT-A) e Teste das Fábulas de Düss*. São Paulo: Vetor.
- Urbina, S. (2007). *Fundamentos da Testagem Psicológica*. Porto Alegre: Artmed.

- Villemor-Amaral, A. E.; Pasqualini-Casado, L. (2006). A cientificidade das técnicas projetivas em debate. *PSICO-USF*, 11(2), 185-193.
- Werlang, B. S. G.; Fensterseifer, L. (2008). Apontamentos sobre o status científico das técnicas projetivas. In A. E. Villemor-Amaral, & B. S. G Werlang, (Eds.). *Atualizações em métodos projetivos para avaliação psicológica*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Winnicott, D. W. (1975). *O Brincar e a Realidade*. Rio de Janeiro: Imago.
- \_\_\_\_\_ (1956). Tendência anti-social. (pp.408-414) In D. W. Winnicott. *Da pediatria à Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago.
- \_\_\_\_\_ (1958/1983). A capacidade de estar só. In D. W. Winnicott. (Ed.), *O ambiente e os processos de maturação* (pp. 31-37). Porto Alegre Artmed.
- \_\_\_\_\_ (1962/1983). A integração do ego no desenvolvimento da criança. In D. W. Winnicott (Ed.). *O ambiente e os processos de maturação* (pp. 55-61). Porto Alegre: Artmed.
- Xavier, M. F. X.; Villemor-Amaral, A. E. (2010). Precisão entre avaliadores na análise de aspectos cognitivos no CAT-A. In M. L. T. Nunes (Ed.), *Técnicas projetivas em crianças* (pp. 121-144). São Paulo: Casa do Psicólogo

## CONSIDERAÇÕES FINAIS DA DISSERTAÇÃO

Acredita-se que a presente pesquisa tenha contribuído na área da avaliação psicológica, especialmente em relação aos testes projetivos infantis. O estudo se propôs a ser inicial e buscar subsídios para futuros e mais aprofundadas investigações. Desta forma, acredita-se que a finalidade foi atingida.

O estudo de revisão da literatura aprofundou os conhecimentos sobre o instrumento, suas origens e formas de interpretação para, no segundo estudo, investigar que tipo de temas, o CAT-A, instrumento projetivo criado em 1949, elicia nas crianças na atualidade. Para tanto foram escolhidos dois sistemas de correção utilizados para interpretação das estórias do CAT-A no Brasil: o de Bellak e Bellak (1992), autor do teste, e o de Tardivo (1998), mais freqüente nos estudos encontrados na literatura brasileira, com objetivo de investigar, se na amostra pesquisada, surgiriam temas semelhantes aos enumerados nos estudos destes autores.

O estudo de fidedignidade entre juízes mostra que são compreensíveis e viáveis os protocolos de interpretação até então existentes, os mais conhecidos de Bellak e Bellak (1992) e de Tardivo (1998), talvez necessitando alguns ajustes.

O elevado número de temas encontrados na amostra porto-alegrense em concordância com os autores estudados indicam que a maioria dos temas originais de Bellak e Bellak (1992) ou de Tardivo (1998) continuam eliciando os mesmos conteúdos da época da criação do instrumento. Assim sendo, pode-se afirmar que o CAT-A ainda pode ser considerado atual. Entretanto, também se observa que existem outras questões ligadas ao fator sócio-cultural que são proeminentes nas crianças da pesquisa, sugerido uma ampliação das temáticas possíveis.

Entretanto, a amostra estudada foi composta por crianças apenas da cidade de Porto Alegre, e exclusivamente de escola pública. Novos estudos são necessários, especialmente com crianças de escolas particulares, de diferentes níveis sócio-econômicos e de outras regiões brasileiras, no intuito de averiguar se apareceriam temas semelhantes.. Mais do que nada, estudar as qualidades psicométricas do instrumento torna-se urgente no sentido de voltar a habilitá-lo junto ao CFP que exige a demonstração de tais qualidades.



**Referências**

Bellak, L.; Bellak, S. S. (1992) *Manual do Teste de Apercepção Infantil Figuras de Animais*. Campinas: Editora de Livro Pleno –ME

Tardivo, L. S. P. C. (1998). *Teste de Apercepção Infantil com Figuras de Animais (CAT-A) e Teste das Fábulas de Düss*. São Paulo: Vetor.

**ANEXO A**  
**APROVAÇÃO PELA COMISSÃO CIENTÍFICA DA FACULDADE DE**  
**PSICOLOGIA DA PUCRS**  
**APROVAÇÃO PELO COMITÊ DE ÉTICA**



Ofício 980/06-CEP

Porto Alegre, 21 de agosto de 2006.

Senhor(a) Pesquisador(a):

O Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS apreciou e aprovou seu protocolo de pesquisa registro CEP 06/03262, intitulado: **“Evidências de validade para o teste gestáltico visomotor Bender em crianças”**.

Sua investigação está autorizada a partir da presente data.

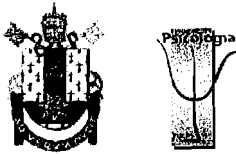
Relatórios parciais e final da pesquisa devem ser autorizadas a partir da presente data.

Atenciosamente,

  
Prof. Dr. José Roberto Goldim  
COORDENADOR DO CEP-PUCRS

Ilmo(a) Sr(a)

Profa Maria Lucia Tiellet Nunes e Acad Roselaine Berenice Ferreira da Silva  
N/Universidade



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Faculdade de Psicologia  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Porto Alegre, 22/10/2009

Senhor(a) Pesquisador(a)

A Comissão Científica da Faculdade de Psicologia da PUCRS apreciou e aprovou seu protocolo intitulado "Avaliação de Fidedignidade entre Juízes para os Temas do CAT-A".

Atenciosamente,



Prof. Dra. Margareth da Silva Oliveira  
Comissão Científica da FAPSI

Ilmo(a) Sr(a)

Profa. Dra. Maria Lucia Tiellet Nunes e Mestranda Adriana Sylla Pereira Santos

Faculdade de Psicologia

Nesta Universidade

**PUCRS**

**Campus Central**

Av. Ipiranga, 6681 - P. 11- 9º andar - CEP 90619-900  
Porto Alegre - RS - Brasil  
Fone: (51) 3320-3500 - Fax (51) 3320 - 3633  
E-mail: [psicologia-pg@pucrs.br](mailto:psicologia-pg@pucrs.br)  
[www.pucrs.br/psipos](http://www.pucrs.br/psipos)

**ANEXO B**  
**FICHA DE INFORMAÇÕES SOBRE A CRIANÇA**

## Anexo B

### FICHA DE INFORMAÇÕES SOBRE A CRIANÇA

Nome da Criança: \_\_\_\_\_

Data de Nascimento da Criança: \_\_\_\_\_

Grau de Parentesco do Respondente: \_\_\_\_\_

Nome do Pai: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_

Escolaridade: \_\_\_\_\_

Profissão: \_\_\_\_\_

Nome da Mãe: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_

Escolaridade: \_\_\_\_\_

Profissão: \_\_\_\_\_

Nome do Responsável: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_

Escolaridade: \_\_\_\_\_

Profissão: \_\_\_\_\_

Sexo dos Filhos e Idade (segundo a ordem cronológica de nascimento, do mais velho para novo).

1) Masculino ( ) Feminino ( )

Idade: \_\_\_\_\_

2) Masculino ( ) Feminino ( )

Idade: \_\_\_\_\_

3) Masculino ( ) Feminino ( )

Idade: \_\_\_\_\_

4) Masculino ( ) Feminino ( )

Idade: \_\_\_\_\_

5) Masculino ( ) Feminino ( )

Idade: \_\_\_\_\_

Nº. de pessoas que residem na mesma casa que a criança \_\_\_\_\_

Quem são as pessoas que vivem com a criança, na mesma casa?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Abaixo estão enumeradas questões referentes ao seu filho e ao contexto em que ele está inserido. Marque com um X se houveram algumas dessas ocorrências:

QUESTÕES	NÃO	SIM
A criança trocou de escola no último ano		
A criança já foi expulsa da escola		
A criança é cuidada por babá		
A criança é cuidada por outro familiar		

A família mudou de residência no último ano		
A família mudou de cidade no último ano		
A família mudou de estado no último ano		
A família mudou de país no último ano		
Houve mudança no nº. de pessoas que moram com a família		
Houve mudança significativa na condição financeira da família		
Houve separação dos pais		
Nascimento de um irmãozinho		
A criança sofreu algum tipo de acidente		
A criança sofreu algum tipo de agressão		
A criança possui doença crônica		
A criança toma medicação		
A criança sofreu intervenção cirúrgica		
Pai está desempregado		
Mãe está desempregada		
Irmão com doença física		
Irmão com doença mental		
Pai com doença física		
Pai com doença mental		
Mãe com doença física		
Mãe com doença mental		
Pai sofreu acidente		
Mãe sofreu acidente		
Falecimento de pais		
Falecimento de avós		
Falecimento de outros familiares		
Falecimento de um amigo ou colega		
A criança está em tratamento neurológico		
A criança já fez atendimento psicológico		
A criança já apresentou convulsões		
A criança já repetiu o ano na escola		
A criança foi adotada		
A criança possui dificuldade de atenção		
A criança possui dificuldade de relacionamento na escola		
A criança possui conduta agressiva		
A criança possui dificuldade na alimentação		
A criança possui dificuldade no sono		
A criança possui dificuldade no controle do xixi e cocô		

Qual tipo de parto a mãe vivenciou quando do nascimento do filho?

---

Caso a criança tenha sido adotada, qual a idade da adoção?

---



---

**ANEXO C**  
**FOLHA DE RESPOSTAS – AVALIADORES**



Anexo C

Folha de Respostas Avaliadores - CAT A

NOME:

IDADE:

LOCAL:

	BELLAK e BELLAK (1949)	TARDIVO (1992)	GRUPO
L1	Oralidade ( ) Rivalidade fraterna ( ) Alimentação ( ) Rel. com a figura materna ( )	Rel. com figura materna ( ) Rel. com figura paterna ( ) Rel. com figura combinada pai e mãe ( ) Rel. com figura fraterna ( )	
L2	Luta- Medo de agressão ( ) Agressão x autonomia ( ) Jogo ou brincadeira –cabo de guerra- ( ) Medo de castração/punição – corda ( )	Relação dual – sem inclusão de 3os ( ) Relação edípica – pais ou tamanho diferenciado ( ) Rel. com os outros iguais – irmãos e amigos, conhecidos ( )	
L3	Relação com figura paterna ( ) Submissão x autonomia ( )	Rel. com figura paterna ( ) Rel. com figura materna ( )	
L4	Rivalidade fraterna ( ) Preocupação com nascimento de bebês ( ) Rel. com figura materna ( )	Rel. com figura materna ( ) Rel. com figura fraterna ( ) Reação emocional da criança ( )	
L5	Cena primária c/ todas as variantes ( ) Temas de manipulação mutua e exploração entre crianças ( )	Reação frente à situação triangular ( ) Rel. da criança com a figura fraterna ( )	
L6	Cena primária ( ) Ciúmes na rel. triangular ( ) Masturbação ( )	Relação dual sem 3º elemento ( ) Rel. frente à situação triangular ( )	
L7	Medos de agressão e os meios de lidar com eles ( ) Medo de castração- caudas ( )	Reação frente a ataque ( )quem ataca... Relação com figura masculina (como figura que ataca)	

		Relação com figura feminina (como figura que ataca)	
L8	Papel da criança na constelação fam ( ) Rel. com os pais ( ) Temas de oralidade ( )	Rel. com o meio familiar e com adultos ( ) Rel. com figura paterna ( ) Rel. com figura materna ( ) Rel. triangular edípica ( )	
L9	Medo do escuro ( ) Medo da solidão ( ) Medo do abandono ( )	Reação frente ao isolamento ( ) Rel. com figura materna ( ) Rel. com figura paterna ( )	
L10	Crime-castigo ( ) Treinamento dos esfíncteres ( ) Masturbação ( )	Reações frente às regras sociais, à disciplina ( ) Presença de impulsos (impulsos descontrolados, falta de limites) ( )	